

Caboclo roceiro D
Sem lar, sem abrigo E
Tu és meu amigo E
Tu és meu irmão C

Fonte:

http://www.fisica.ufpb.br/~romero/port/ga_pa.htm#Afes

Patativa escolheu desenvolver seus versos acima, seguindo o modelo de estrofes de oito versos, sendo cada verso composto de apenas cinco sílabas, com acentos recaindo sobre a segunda e sobre a quinta sílabas. Quanto à rima, Patativa orientou seus versos, seguindo o formato ABBCDEEC.

FLORILÉGIO DE ESTROFES DA POESIA SERTANEJA

**(Seleção e análise de estrofes de
Poetas e Repentistas do Nordeste)**

Tu és nesta vida
Fiel penitente
Um pobre inocente
No banco do réu
Caboclo, não guarda
Contigo essa crença
A tua sentença
Não parte do céu

O Mestre divino
Que é sábio profundo
Não faz neste mundo
Teu fardo infeliz
As tuas desgraças

Com tua desordem
Não nascem da ordem
Do eterno Juiz

A Lua se apaga
Sem ter empecilho
O Sol, o seu brilho
Jamais te negou
Porém, os ingratos
Com ódio e com guerra
Tomaram-te a terra
Que Deus te entregou

De noite tu vives
Na tua palhoça
De dia na roça
De enxada na mão

Se escuto o meu pranto
Me ponho a chorar

Ninguém te oferece
Feliz lenitivo
És rude, cativo
Não tens liberdade
A roça é teu mundo
Também tua escola
Teu braço é a mola
Que move a cidade

De noite tu vives
Na tua palhoça
De dia na roça

De enxada na mão
Julgando que Deus
É um pai vingativo
Não vês o motivo
Da tua opressão

Tu pensas, amigo
Que a vida que levas
De dores, de trevas
Debaixo da cruz
E as crises constantes
Quais sinas espadas
São penas mandadas
Por nosso Jesus

FLORILÉGIO DE ESTROFES DA POESIA SERTANEJA

**(Seleção e análise de estrofes de Poetas
e Repentistas do Nordeste)**

Alder Júlio Ferreira Calado

Edições Buscas
2009

CABOCLO ROCEIRO

Patativa do Assaré

C141f Calado, Alder Júlio Ferreira.
Florilégio de estrofes da poesia sertaneja:
(seleção e análise de estrofes de Poetas e
Repentistas do Nordeste / Alder Júlio Ferreira
Calado. - João Pessoa: Edições Buscas, 2009.
212p.
1. Crítica literária – poesias. 2. Análise literária
– poesia sertaneja.

UFPB/BC

CDU:82-09

No centenário do nascimento de Patativa do Assaré, ocorre-nos prestar uma homenagem à memória desse ícone nordestino.

Poeta de enorme produção – e produção de qualidade! Patativa afirma-se Poeta a partir mesmo de sua figura existencial. Certamente poética é sua vasta produção. Mas, tanto quanto ou até antes mesmo do que punha no papel, era seu viver recheado de profunda poesia. Caracterizavam-no a beleza estética dos seus versos, a força dos argumentos, a riqueza de imagens, a cadência e a relevância temática que desenvolvia.

No caso das estrofes escolhidas, o Poeta Patativa revisita, uma vez mais, seu cenário preferido: cantar sua Terra e cantar sua Gente, em especial o viver sertanejo, a exemplo da célebre “Triste Partida”, considerada o hino nacional dos nordestinos do semiárido. Na poesia que segue, vemos Patativa reverenciar, bem ao seu modo, uma figura que tão bem conhece, até porque ele próprio foi uma delas: o roceiro.

Caboclo roceiro
 Das plagas do Norte
 Que vive sem sorte
 Sem terra e sem lar
 A tua desdita
 É tristonho que canto

Propósito desta coletânea		07
I – A história fará sua homenagem		11
II – Se não der fim a Delfim...		15
III – Deus me ensina a ser bom de coração		17
IV – No comércio da fé Jesus não passa	19	
V – As coisas que eu não faço		23
VI – Passarinho que canta na prisão		25
VII – Nordestinação		27
VIII – Gênero Treze por Doze		29
IX – Obrigações do vaqueiro		31
X – Vida de vaqueiro		33
XI – Quanto é grande o Autor da Natureza		37
XII – Enriquece o juízo do Poeta		41
XIII – No tempo do pai Tomás		43
XIV – No sertão do Sabugi	45	
XV – Sextilhas sobre os ETs		47
XVI – Décimas sobre os 500 anos do Brasil		51
XVII – Nos dez de galope na beira do mar		55
XVIII – A escravidão continua		59
XIX – Labuta de vaqueiro		63
XX – O marido mandado pela mulher		67
XXI – Festejando o São João		69
XXII – Você é o Golias do Repente		73
XXIII – Se você cantar rim volta a pé		75
XXIV – Meu carrossel de ilusão		77
XXV – A seleção brasileira		79
XXVI – Já faz dias que eu estou desconfiado		81
XXVII – As igrejas abriram um crediário		85
XXVIII – Festival de decoreba		89
XXIX – Cai a tarde, morre o dia		93
XXX – Cantador pra cantar na minha frente		99
XXXI – Voa, sabiá		103
XXXII – Se eu perder dum matuto do seu jeito		107

XXXIII – É um nó dado por São Pedro	109
XXXIV – Parafuso de cabo de serrote	113
XXXV – Comício de beco estreito	115
XXXVI – Você hoje me paga o que tem feito	119
XXXVII – Gemedeira	121
XXXVIII – Quadrão mineiro	123
XXXIX – Sanfoneiro ruim	127
XL – Cantar mourão	131
XLI – Mourão voltado	133
XLII – Quando eu ia, ela voltava	137
XLIII – Meio século de viola	139
XLIV – Muda, Brasil	143
XLV – O que traz o Poeta?	147
XLVI – O Poeta e o passarinho	149
XLVII – Engenho de pau	153
XLVIII – Coisas do Sertão	155
XLIX – Preservação e cultura da família brasileira	159
L – Toada alagoana	161
LI – Só existe valor na alegria...	163
LII – Não conheço esquerdista que não mude	165
LIII – O Nordeste humilhado se levanta	169
LIV – Sextilhas	173
LV – Eu querendo também faço igualzinho	175
LVI – Sextilhas	177
LVII – Treze por doze	179
LVIII – Se você tem bom guardado	183
LIX – Sextilha	187
LX – Só com outro Zumbi, o quilombola	189
LXI – Morte não manda recado	193
LXII – Todo o mundo ligado à internet	195
LXIII – Ser popular não é ser popularesco	199
LXIV – Eu só pergunto ao Brasil	201
LXV – Meu martelo	203
LXVI – Caboclo roceiro	207

O próprio título da poesia de Crispiniano Neto já indica a forma tomada por seu poema: um martelo agalopado, tratando-se, portanto, de estrofes de dez versos decassílabos, tendo seus acentos mais fortes incidindo sobre a terceira, a sexta e a décima sílabas. E, quanto à estrutura da rima, ela se organiza à base do formato ABBAACCCDDC.

Meu martelo bateu na terra quente
 Nos espinhos agudos do Sertão,
 Jesuíno, Silvino e Lampião
 Já andaram com ele antigamente;
 Zumbi viu o martelo em sua frente
 Mas não pôde abraçá-lo por inteiro;
 Há dez anos nas mãos de um guerrilheiro
 Meu martelo bateu uns pregos mudos
 Relembrando as pancadas de Canudos
 Quando estive nas mãos de Conselheiro

V

Meu martelo de ação é verdadeiro
 Foi no Granma com trajes de turista
 Derrubou a canalha de Batista,
 Depois veio para o solo brasileiro,
 Na Bolívia errou o seu roteiro
 Mas deixou uma marca inconfundível
 E provando que nada é impossível
 Foi à África bater no mesmo pique
 Fez Angola, Guiné e Moçambique
 Ir do nível do zero ao alto nível.

VI

Meu martelo tem uma força incrível
 Sempre avança apesar de perseguido
 Se esconde no peito do oprimido
 E suporta calado a dor horrível.
 Mas na hora que explode é invencível
 Cego vê, surdo escuta e mudo grita
 Sua força é tão grande e infinita
 Seu poder de mudança é tão sério...
 Quanto mais poderoso é o império
 Sua queda final é mais bonita!

PROPÓSITO DESTA COLETÂNEA

À margem da vitrine da mídia do “pensamento único”, segue a poesia sertaneja – seja em sua versão em estilo “Repente”, seja em forma do Cordel ou mesmo em forma de canções – a encantar parcelas expressivas de admiradores, nas cidades e no campo.

À exceção de um estilo de qualidade duvidosa, que, graças à indústria da chamada música sertaneja, impera na mídia oficial, sob a batuta de cantores de massa, pouco se promove a poesia sertaneja de qualidade mais refinada, qual a produzida pelos repentistas e poetas populares.

Tocado, de longa data, pela excelência do Repente e da Poesia sertaneja de boa qualidade, tenho-me associado àqueles e àquelas que se esforçam por cultivar e difundir esse tipo de poesia – ainda desconhecido de parte expressiva da população.

O Repente sempre representou para mim a mais fascinante das artes, sem qualquer propósito de concorrência, afinal qualquer expressão de Arte, desde que seja de boa qualidade, é algo a se cultivar e difundir.

Trato de justificar os traços que mais me fascinam na Arte do Repente.

Mais do que um produto isolado, ou um traço singular, seduz-me, antes, o processo de elaboração do Repente, do qual fazem parte a excelência dos produtores e suas respectivas produções.

Os repentistas são, antes de tudo, exímios Poetas. Dotados, desde cedo, de especial talento, vão se aprimorando cada vez melhor na Arte, graças ao contínuo exercício da mesma. Basta que escutemos um grande repentista, em início de carreira, e esta mesma

figura, anos e anos depois, lapidada por décadas de apresentações em incontáveis cantorias e festivais. Como não nos impactarmos com produções de figuras como Pinto de Monteiro, com os irmãos Otacílio, Dimas e Lourival Batista? Como fugir ao justo espanto diante de figuras como Daudeth Bandeira, Ivanildo Vila Nova, Geraldo Amâncio, Oliveira de Pannels, Raimundo Nonato, Nonato Costa, Raimundo Caetano, Rogério Menezes, entre tantos nomes, inclusive de mulheres repentistas?

Não é fácil, porém, a vida de um Repentista talentoso. Ele não nasce pronto. Resulta de um longo processo de aprendizado e de exercício ininterrupto. E isto por diversas razões.

Não pode vir de berço a extensão de conhecimentos em que deve ser instruído e exercitado, como condição fundamental da qualidade do seu desempenho. Do contrário,

- Como vai incorporar e expressar a extensa gama de estilos do Repente?

- Como vai ser capaz de glosar a partir de motes tão desafiadores, quanto às áreas de saberes em que se lhes colocam os motes, de modo a exigir-lhes conhecimentos de Biologia, de História, de Literatura, de Religião, de Psicologia, de Política, de Economia, de Sociologia, de Agronomia, de Geografia, de Direito, e assim por diante?

- Não fosse seu contínuo e operoso aprendizado, como iria enfrentar esse labirinto artístico de tamanha complexidade como a da participação em festivais e cantorias, a exigirem, ao mesmo tempo,

* imediata sintonia com sucessivos estilos ou gêneros solicitados (sextilhas, septilhas, décimas, martelo agalopado, mourão voltado, mourão perguntado, gemido de dois, quadrão.

MEU MARTELO

José Crispiniano Neto

A partir mesmo do movimentado contexto em que surgiu, este poema de José Crispiniano Neto evoca, com força, a conjuntura política internacional do final dos anos 70/início dos anos 80. Um cenário de efervescência social e política.

Evoca o rico momento brasileiro de fundação do Partido dos Trabalhadores, expressando igualmente as relevantes conquistas do mundo sindical brasileiro, num contexto de refluxo das ditaduras militares do Brasil e de vários países da América Latina.

Coincide com a impactante conquista revolucionária do poder das forças sandinistas da Nicarágua. Tempo de avanços das forças sindicalistas na Polônia então ainda sob o regime burocrático da URSS. Os países do Leste europeu, sufocados havia tanto tempo pela Rússia, logravam consideráveis avanços, em que pese o caráter ambíguo de suas principais lideranças, muito próximas do Vaticano.

Época de intensa mobilização das forças populares, sobretudo a partir da crescente organização sindical dos trabalhadores e trabalhadoras do ABC paulista. Época da fundação do PT. Não conto as vezes em que escutei a declamação solene dessa poesia, em eventos de fundação daquele partido. Havia até um declamador oficial: Zé Wellington, militante de uma das várias organizações de esquerda, protagonistas de sua fundação.

Uma poesia, em breve, que fornece elementos relevantes de um cenário memorável.

mineiro, quadrão alagoano, martelo alagoano, peleja, entre tantas outras)?

* Como vai exercitar-se, em cada gênero solicitado, sua adequação à respectiva métrica?

* Como vai lidar com acerto com relação aos mais variados tipos de rimas?

* Como vai encontrar o “baião” certo ou a melodia apropriada à glosa dos seus versos?

* Sobretudo, como vai ser capaz de exercitar sua poderosa imaginação, na criação de imagens fantásticas, de cenas as mais imprevisíveis?

Houve por bem revisitar ou voltar a incursionar por esse universo, dele recolhendo algumas pérolas que possa compartilhar com amigos e leitores, com o propósito de tocar especialmente a sensibilidade de educadores e educadoras que se animem a socializar com os jovens esse universo ainda tão pouco conhecido, de modo tal que chegue a impactar uma boa parcela de nossos jovens, que se acham, não raro, reféns da produção cultural hegemônica, que pouco contribui para um processo de humanização que dignifique a condição humana, ou que ajude a recuperá-la.

Outro ponto que costuma impactar até mesmo os iniciados, é a extensa gama de gêneros de cantorias: desde as sextilhas tão comuns, passando pelas septilhas, os mourões (Mourão Voltado, Mourão Perguntado), as oitavas (Oito a Quadrão, Quadrão Mineiro, Quadrão Paulista, Oitavão Rebatido), as estrofes de nove linhas (Toada Alagoana, Dez a Quadrão), as décimas (Martelo Agalopado, Martelo Alagoano, Galope à beira-mar), Quadras, Gemedeira, além de outras, e sem contar as inovações...

Para a organização desta coletânea de estrofes do Repente e da Poesia Sertaneja, contei com a contribuição de alguns amigos, seja pelas sugestões valiosas, seja pelo incentivo. Externo minha gratidão, em especial, aos Amigos Josué Euzébio Ferreira, Francisco Romildo da Silva, João Fragoso e Rolando Lazarte.

Convém, ainda, ter presente o caráter limitado, circunstancial e parcial da seleção. À medida que me deparava com poesias que me pareciam especiais, de certo ponto de vista, delas tratei de extrair algumas estrofes representativas. Outros, em meu lugar, poderiam ter tido outros critérios. Trata-se, como se percebe, de um pequeno recorte de um vasto universo. Um aperitivo para outras incursões pelo belo universo da Poesia Sertaneja e do nosso Repente.

João Pessoa, setembro de 2009

LXIV

EU SÓ PERGUNTO AO BRASIL

Lourinaldo Vitorino

Tal é a impactante atualidade dos versos que seguem, que eu não estranharia escutar alguém dizer que acabaram de ser elaborados. Não é assim. Já faz alguns anos, como se percebe pela narrativa do próprio autor.

Versos que soam como um manifesto popular de indignação cívica. Por meio deles, o autor rememora diferentes recortes históricos de nossa cultura política ainda hoje hegemônica.

Vale a pena que nos demos ao trabalho de escutar o desabafo do autor, em quem nos reconhecemos, com frequência.

Eu só pergunto ao Brasil
 Quem pode te consertar
 Ou pelo menos limpar
 A sujeira que ficou
 Se quem saiu bagunçou
 E quem entra é pra bagunçar?

Estrofe com elaboração não convencional, pouco habitual, quanto à forma. Compõe-se de seis versos setessilábicos, com rimas ao modo ABBCCB.

Jô e Xudu
Sivuca e Zé Marcolino
Luiz Gonzaga e Vitorino
Lourival do Pajeú

De Érico Veríssimo
A Drummond e Jorge Amado
Ernesto Pascalizado
Sem Graciliano, erramos
Com Vidas Secas
Sertões, Mororós, Angicos
Brasil de Joaquins e Chicós

Alves, Sás, Buarques vamos

(...)

Meu São Francisco
Meu santo do Canindé
Patativa do Assaré
Padre Cícero é Nostradamus
Meu São Francisco
Rio de Janeiro a janeiro
Sendo cearense ou mineiro
Chico Anísio ou Xavier
Espiritista
Humorista ou seresteiro
Viva o Povo brasileiro
Até quando Deus quiser

(...)

I

A HISTÓRIA FARÁ SUA HOMENAGEM À FIGURA DE ANTÔNIO CONSELHEIRO

(Ivanildo Vila Nova e Severino Feitosa)

Recolho, para iniciar esta coletânea, algumas estrofes desse primoroso “Martelo agalopado”. Não é uma produção tão recente. Remonta ao final dos anos 70/início dos anos 80. Integra uma das dez faixas (mais precisamente a segunda do Lado B) de um disco de vinil (produzido pela Chantecler).

Época de notável efervescência política e cultural, com o surgimento de relevantes movimentos sociais em luta contra a ditadura empresarial-militar instalada no Brasil (“rumor de botas” que também se estendeu pela América Latina...), por tenebrosos 20 anos.

Época em que os clamores da sociedade civil ecoavam mais fortemente no mundo acadêmico, haja vista o período de frutuosa mobilização também do Movimento Docente. Mas, no que toca mais diretamente a arte do Repente e da Poesia sertaneja, pelo menos algumas instâncias acadêmicas nordestinas – aqui destaco as experiências da FAFICA e da Faculdade de Formação de Professores de Arcoverde – se notabilizaram pelo acolhimento e incentivo a essas expressões artísticas tão características da Cultura nordestina.

A Faculdade de Formação de Professores de Arcoverde (hoje CESA/AESA), já em meados dos anos 70, graças à entusiástica iniciativa e irrequieta alma sertaneja do Prof. José Rabelo de Vasconcelos, com a prestimosa colaboração do Prof. Aleixo Leite Filho.

promovia a cada ano, no mês de agosto, uma semana de atividades acadêmicas temperadas por Poetas e Cantadores. A própria Revista da Faculdade, intitulada PELEJA abria suas páginas para ecoar tais experiências, inclusive registrando as cantorias organizadas em festivais de cantadores e violeiros (cf. Revista **PELEJA**, Arcoverde, 1979. Revista que circulou até 1992).

Selecionei apenas três das dez estrofes que compõem o “martelo agalopado” de Ivanildo Vila Nova e de Severino Feitosa. Vale a pena destacar alguns aspectos de seu conteúdo e de sua forma.

Já a partir do mote, percebe-se o propósito da poesia, o de homenagear o grande protagonista da Comunidade de Canudos, Antônio Conselheiro.

Ao lembrar a trajetória de figuras como a de Antônio Conselheiro, Beato Lourenço e outras, e observar que sobre as mesmas (quase) nada delas se fala nas escolas, e mesmo nas faculdades (tão pouco na mídia...), é que, perplexos, sentimos quanto chão temos a percorrer para o enorme desafio de seguir passando a limpo nossa história, tal como registrada conforme os cânones da historiografia oficial...

Os autores, antes de se deterem no relato de aspectos referentes ao massacre (impropriamente conhecido como “Guerra de Canudos”), descrevem, com engenho e arte, a bela experiência da Comunidade de Canudos. Um dos exemplos mais marcantes, em nossa história, de um esforço coletivo por uma organização social alternativa, fundada no respeito à dignidade humana e na força do mutirão, em busca de uma sociedade justa e solidária.

Não se limitam, os autores, a reverenciar o nome de sua figura maior, Antônio Conselheiro, mas tratam de fazer memória de todo o processo: protagonistas, lideranças, lugares, aspirações maiores da comunidade,

SER POPULAR NÃO É SER POPULARESCO

Lourinaldo Vitorino

O Populismo é mais do que um tema estritamente acadêmico, já bem tratado, aliás, por vários autores de reconhecido mérito como analista, a exemplo de Francisco Weffort. Também, não diz respeito apenas ao caso brasileiro. Tem incidência bem mais ampla, como se sabe.

No caso em apreço, o propósito do autor das estrofes que seguem é de destacar a contribuição de figuras de ontem e de hoje, no que diz respeito à Cultura brasileira. Uma oportuna e justa homenagem a vários ícones que protagonizaram momentos densos da Cultura do Povo brasileiro. Ouçamos o que o autor nos tem a dizer.

Ser popular
 Não é ser popularesco
 Deste país gigantesco
 Tem muito que se contar
 Ser popular
 Não é ser popularesco
 Deste país gigantesco
 Há muito que se cantar

Cantou Caju
 Se é cantor é Canhotinho
 Gil, Caetano e Osvaldinho
 Dominginho e Zé Lulu

detalhes da tragédia dos embates profundamente desiguais, promovidos pelo Exército brasileiro. Um registro histórico em linguagem poética, digno de ser trabalhado como material didático nas escolas.

Eis as três estrofes escolhidas:

“Num deserto profundo e sem ter fronte
Já surgiu um regime igualitário
Onde um justo já sexagenário
Fez erguer a cidade de Belo Monte
Para então vislumbrar um horizonte
Sem maldade, sem crime e sem dinheiro
Sem bordel, sem fiscal, sem carcereiro
Mas, foi morto e tombado por selvagem
**A história fará sua homenagem
À figura de Antônio Conselheiro”**

(...)

“Ó Canudos, país da promessa
Foi injusta e cruel a tua guerra
Tu, que eras abrigo dos sem-terra
Sem justiça, direito, paz e pão
O fanático era apenas um irmão
O jagunço somente um companheiro
Junto ao mestre encontrando paradeiro
Confiança, família e hospedagem
**A história fará sua homenagem
À figura de Antônio Conselheiro”**

(...)

“Sertanejos morrendo de magote
“A bandeira sangrenta era um molambo
O quartel sem guarita era mocambo

A metralha, um feioso clavinote
 O abrigo era a grimpada de um serrote
 Baioneta era a lança do carreiro
 A corneta era o búzio do vaqueiro
 Para-peito e gibão, sua roupagem
**A história fará uma homenagem
 À figura de Antônio Conselheiro”**

(...)

(Ivanildo Vila Nova e Severino Feitosa. “A História fará
 uma homenagem
 À figura de Antônio Conselheiro. Long Playing
 “Cantadores de Hoje”, Chantecler, Rio de Janeiro)

No tocante à forma da poesia em exame, importa sublinhar alguns dos seus traços. Trata-se, como se percebe, do gênero intitulado, no universo do Repente, de “martelo agalopado”. Este consta de estrofes de dez versos, cada verso composto de dez sílabas, sendo estas acentuadas, do ponto de vista da métrica, na terceira, na sexta e na décima sílaba. Sua rima característica vem estruturada no modelo ABBAACCCDDC.

Recebido o mote pela dupla de Repentistas, estes tratam de glosá-lo instantaneamente (quando se trata efetivamente de Repente. Nem sempre é o caso. O processo de gravação nem sempre é feito instantaneamente, permitindo construir a poesia com mais tempo.

Gostaria, por último, de chamar a atenção para a terceira estrofe citada. Além de aspectos já esboçados, vale sublinhar a excelência das imagens utilizadas. Aqui situo um dos pontos mais densos da poeticidade do Repente: a profusão e a excelência das imagens.

na sexta e na décima. Estrofes elaboradas com rimas à maneira ABBAACCCDDC.

Nunca mais vai fazer máquina Olivetti
O Planeta movido a Internet
É escravo da tecnologia

(...)

Transatlânticos no mar fazem cruzeiros
 Pelos micros as transnacionais
 Hoje tem conferências virtuais
 Com os executivos estrangeiros
 O e-mail é correio sem carteiros
 Tanto guarda mensagem como envia
 Os robôs usam chip e bateria
 Videogame é brinquedo de pivete
O Planeta movido a Internet
É escravo da tecnologia

(...)

“Motorola” trocou técnica e conselho
 “Nókia” e “Siemens” galgaram patamares
 Já ’stão fora de moda os celulares
 Que têm câmara e visor infravermelho
 Reduzindo o tamanho do aparelho
 A “Pantech” fez mais do que devia
 Que a memória de um chip não podia
 Ser mais grossa que a lâmina de um Gillette
O Planeta movido a Internet
É escravo da tecnologia

(Estrofes recolhidas dentre as apresentadas no **site**
 , Recife, janeiro de 2009)

No tocante à forma, temos estrofes construídas de
 versos decassílabos, com sílabas acentuadas na terceira,

II

SE NÃO DER FIM A DELFIM
DELFIM DÁ FIM À NAÇÃO
 (Sebastião Silva)

Sob esse mote chamativo, o autor glosou todo um folheto, do qual extraí apenas uma estrofe. Como se percebe, o contexto era ainda o do final da ditadura militar. Mais precisamente, nos começos dos anos 80, quando a sociedade, animada pelo clima geral de mobilização dos Movimentos Sociais, PT, CUT, CNBB, OAB, ABI, entre outras forças, lutava pelo fim do regime militar, e se mobilizava por eleições diretas.

Em diferentes lugares do Agreste/Sertão de Pernambuco (a partir de Arcoverde, cidade onde morava o Mecânico Sebastião), este folheto foi declamado, especialmente por ocasião dos comícios pelas “Diretas-já”.

Vamos a um extrato do folheto:

“O Deputado Juruna
 Cacique que não tem medo
 Disse assim a Figueiredo:
 Seu Presidente reúna
 Seu ministério e puna
 Essa corja de ladrão
 Bote todos na prisão
 O Povo é quem diz assim:
 “Se não der fim a Delfim
 Delfim dá fim à Nação.”

(Uma das estrofes do folheto de cordel escrito pelo Poeta Sebastião da Silva, em Arcoverde, por ocasião da Campanha das Diretas-Já, em 1982).

Do ponto de vista da forma, a estrofe compõe-se de dez versos, de sete sílabas. Os versos não obedecem a uma acentuação métrica regular.

No que concerne ao tipo de rima, segue a linha ABBAACDDC.

Vale ressaltar a beleza formal do mote, de boa imaginação: “Se não der fim a Delfim / Delfim dá fim à Nação”.

LXII

TODO O MUNDO MOVIDO A INTERNET VIRA ESCRAVO DA TECNOLOGIA

Raimundo Nonato e Nonato de Souza

Na vasta lista de revolucionárias invenções tecnológicas figura, por certo, a excelência da rede mundial de computadores. De fato, a internet provocou uma reviravolta, em grande escala sociocultural.

Complexa e vasta é, com efeito, a rede de relações e de instâncias que ela envolve. Abrange diferentes dimensões, desde a esfera econômica, passando pelas implicações políticas e pelos valores culturais. Direta ou indiretamente, implica uma multiplicidade de alterações nos hábitos e nos costumes, a começar pelas novas gerações.

Dessa reviravolta resultam muitas consequências positivas, mas também não poucas negatividades. Estas não derivam propriamente da tecnologia em si, mas do uso que delas é feito. Efeito semelhante, aliás, ao que se passa em outras áreas.

Vejam, a seguir, quais os pontos priorizados pelas seguintes estrofes.

O visor como tecla de TV
O teclado acessível como “book”
Pra maiúsculo ou minúsculo é “Caps Lock”
Pra mandar imprimir é “Control P”
Com os micros “Samsung” ou “LG”
Os programas que a Apple financia
A indústria de datilografia

(...)

Em tudo ela nos espera
 Numa queda, num punhal
 Na comida que faz mal
 Na pressão quando se altera
 Na tosse que dilacera
 Algum corte quando inflama
 A asma é como uma chama
 Febre, infarto ou resfriado
Morte não manda recado
Bilhete nem telegrama

(...)

Quando não vem de surpresa
 Dá um sintoma completo
 Fala qualquer dialeto
 Entra em qualquer fortaleza
 Ministro, padre e princesa
 Foi vivente, ela reclama
 Ninguém foge à sua trama
 Morrendo, tudo é finado
Morte não manda recado
Bilhete nem telegrama

(...)

Estrofes de dez versos, sendo cada linha composta por sete sílabas. Rima ao modo ABBAACDDC.

DEUS ME ENSINA A SER BOM DE CORAÇÃO EU APRENDO A SER RUIM, NÃO SEI POR QUÊ

Os Poetas Populares e os Repentistas glosam uma espantosa diversidade de motes, também no que diz respeito aos temas tratados. Temos agora estrofes que encerram um convite ao filosofar, ofício também dos Repentistas.

Está em jogo o exercício filosófico sobre a dualidade de destinos que impregna o existir humano: a luta incessante entre o bem e o mal que nos perseguem, ao longo da vida.

Respondendo ao desafio instigado pelo mote proposto, vejamos como se houveram os Poetas e Repentistas Raimundo Nonato e Nonato Costa, nesta faixa do CD, da qual selecionamos a seguinte estrofe:

“Deus me ensina que eu plante a alegria
 Eu aprendo a tristeza a passos largos
 Sem motivo, eu demito quem tem cargo
 Sem ter dó assassino a quem me cria
 Dos mendigos eu cuspo na bacia
 Das crianças eu quebro o bambolê
 Quem criou a maldade de A a Z
 Me ensinou cem por cento a lição
Deus me ensina a ser bom de coração
Eu aprendo a ser ruim, não sei por quê.”

(Do CD de Raimundo Nonato e Nonato da Costa)

Do ponto de vista da forma, voltamos a deparar-nos com o gênero do “Martelo agalopado”. Trata-se, pois, de mais uma estrofe do tipo “décimas”, composta por dez versos ou linhas, tendo cada verso acento na terceira, na sexta e na décima sílabas.

Quanto ao tipo de rima, o estilo segue sendo, como de hábito, aquele ABBAACCDDC.

LXI

**MORTE NÃO MANDA RECADO
BILHETE NEM TELEGRAMA**

Ivanildo Vila Nova e Sebastião Dias

O caráter provisório do viver é o tema desenvolvido pelos nossos Repentistas Ivanildo Vila Nova e Sebastião Dias. E mais precisamente, a partir do mote, a surpresa e a instantaneidade da partida dos seres humanos.

A segunda estrofe, por exemplo, nos remete à diversidade de formas e circunstâncias de como somos chamados à passagem desta para outra forma de vida: “Numa queda, num punhal / Na comida que faz mal / Na pressão quando se altera / Na tosse que dilacera”.

Experiência da qual ninguém está isento. Todos passamos por ela. Há aí uma igualdade radical: “Fala qualquer dialeto / Entra em qualquer fortaleza”.

Desde que a morte veio
Pra castigar os mortais
Não utilizou jamais
Papel, carta e correio
Usa o infalível meio
O qual lhe deu muita fama
Inda é feliz quando exclama
Aquele que é visitado
**Morte não manda recado
Bilhete nem telegrama**

IV

**NO COMÉRCIO DA FÉ JESUS NÃO PASSA
DE UM PRODUTO VENDIDO À PRESTAÇÃO**

(Raimundo Nonato e Nonato Costa)

Os Poetas e Repentistas são, não raro – e este é bem um caso elucidativo! – uma espécie de radares privilegiados ou uma antena com alto potencial perceptivo. Captam com rara felicidade os sinais que circulam pelo espaço social. Com sentidos aguçados, não tardam em captar sinais de contradição espalhados em nossa realidade social, econômica, política, cultural, religiosa.

Desta faixa de um seus CDs, houve por bem selecionar três das estrofes encimadas pelo mote instigante: “No comércio da fé Jesus não passa / De um produto vendido à prestação”.

Mesmo sabendo que não se trata de um fenômeno novo – a exploração religiosa, como se sabe, remonta a séculos em nossa conturbada história -, não há negar que o acelerado processo de globalização também se traduz por meio de valores religiosos. A chamada “teologia da prosperidade”, tão ao gosto das recentes expressões neopentecostais (alguns preferem chamar “pós-pentecostais”) constitui um exemplo paradigmático.

Situação agravada em conjunturas de crise socioeconômica, ocasião em que se fazem mais fortes e mais frequentes os apelos à divindade, no sentido de socorrer milagrosamente desempregados, endividados, enfermos graves, lares desintegrados. Quase tudo passa do

terreno das possibilidades humanas para o campo da segurança exclusiva em Deus. Transfere-se para Deus tudo o que, antes, era da alçada dos homens.

Nesse contexto, a tendência dominante é de abusar do recurso aos milagres e às magias, “em nome de Deus”. Bateu desemprego na família? Vamos apelar a Deus, trazendo a Carteira de Trabalho para ser abençoada, e fazer tornar a situação de emprego. O mesmo se estende a outros desafios.

Não se restringe a apelar para Deus, mas também cuida de extrair vantagens. Abusa-se da recomendação ao pagamento de dízimo, de ofertas generosas, como condição explícita ou implícita de reação de Deus aos apelos formulados pelas vítimas, com a mediação de pastores e padres...

Eis o clima propício para a ocorrência do relato poético dos Repentistas:

Os pastores e padres são isentos
De despesas com carro, casa e feira
Os fiéis são quem tira da carteira
As despesas e os gastos dos aumentos
Para Deus tem até 0800
Custa quatro reais a ligação
Eles chamam isso tudo louvação
Mas eu chamo isso tudo de trapaça
**No comércio da fé Jesus não passa
De um produto vendido à prestação**

(...)

Sei que a Bíblia em CD está gravada
E que Cid Moreira as cifras soma
A Capela Cistina lá em Roma
Quem quer ver são dez dólares a entrada

Já não eram cruel realidade
No Quilombo existia a irmandade
Sem patrão, capataz e nem argola
**Só com outro Zumbi, o quilombola
Pode o Negro alcançar a Liberdade**

(...)

No tocante à forma tomada pelas estrofes acima, reencontramo-nos diante do estilo “Martelo Agalopado”, com suas características estrofes de dez versos decassílabos, com acentos incidindo sobre a terceira, a sexta e a décima sílabas. Quanto ao tipo de rima, organiza-se à base do conhecido ABBAACCDDC.

Esta poesia trata de reconstituir traços significativos da história de ontem e de hoje, contada na perspectiva dos vencidos.

No início da vida brasileira
 Foi o Negro uma fonte e um tesouro
 No desejo incansável pelo ouro
 No labor da lavoura açucareira
 Essa raça infeliz foi a primeira
 A ser vítima do ódio e da maldade
 Pra fundar arraial, vila e cidade
 Limpar cana, arar terra e cortar sola
**Só com outro Zumbi, o quilombola
 Pode o Negro alcançar a Liberdade**

As tarefas dos Negros brasileiros
 Eram pretas com brancos sobre os colos
 Botar água nas tinas dos monjolos
 Domar boi nos serviços mais grosseiros
 Empilhar o café nos estaleiros
 O produto de mais necessidade
 Em passeio ou qualquer atividade
 Carregar o patrão na padiola
**Só com outro Zumbi, o quilombola
 Pode o Negro alcançar a Liberdade**

(...)

Só o Negro Zumbi em seu caminho
 Enfrentou quase trinta expedições
 Brancos, Índios, mulatos com canhões
 Perseguindo essa águia em seu ninho
 Ferro em brasa, chibata e pelourinho

Hoje, toda cidade é explorada
 Por novena, por missa e procissão
 Vendem até o rosário de oração
 Crucifixo, água benta, blusa e taça
**No comércio da fé, Jesus não passa
 De um produto vendido à prestação**

(,,)

Sei que a seita dos Mórmons quantifica
 Quem dá mais é quem consta do arquivo
 A Presbítera tem cunho lucrativo
 Renascer muito atrás também não fica
 A Igreja Católica é a mais rica
 Mas as outras igrejas também são
 Não aceitam fazer a divisão
 Essa hipótese a Igreja não abraça
**No comércio da fé, Jesus não passa
 De um produto vendido à prestação**

(Do CD recolhendo os melhores momentos do I Grande Encontro de Poetas e Repentistas do Nordeste, realizado em João Pessoa, em abril e maio de 1999)

Inscritas igualmente no padrão clássico das décimas, as estrofes seguem as características comuns de um “martelo agalopado”: estrofes de dez linhas, cada verso contendo dez sílabas, acentuadas na terceira, na sexta e na décima. Mesmo padrão de rima (ABBAACCDDC).

Convém destacar a criatividade do mote, quanto à força dos argumentos e ao seu caráter didático, ao alcance das pessoas comuns. Há de se destacar, ainda, a imaginação dos autores, quando se trata de fazer

SÓ COM OUTRO ZUMBI, O QUILOMBOLA PODE O NEGRO ALCANÇAR A LIBERDADE

Ivanildo Vila Nova e Sebastião Dias

A composição desta poesia remonta à mesma época em que apareceu a já comentada homenagem prestada à saga de Canudos (“A história fará sua homenagem / À figura de Antônio Conselheiro”). Traz ao debate a condição dos afrodescendentes: traços vivos de sua trajetória, dos entraves que são obrigados a enfrentar no “Severino” cotidiano.

Uma saga repleta de experiências de sofrimento e de dor, mas também de muitas lutas e algumas conquistas marcantes. À época do aparecimento desta poesia (final dos anos 70), incluída na lista de várias outras recolhidas no famoso disco vinil organizado por Ivanildo Vila Nova e Sebastião Dias, estava fermentado a retomada dos movimentos sociais populares, em novo estilo, entre os quais o Movimento Negro Unificado (MNU).

Época também em que tiveram relevante impacto livros tais como **Palmares – a guerra dos Escravos**, de Décio Freitas, **O Escravismo Brasileiro** e outros de Clóvis Moura.

Na esteira da rememoração dos feitos de Zumbi dos Palmares e seus companheiros, os Afrodescendentes encontravam uma inspiração densa para nela firmar a construção de sua identidade de sujeitos históricos.

Dorme o órfão nos batentes
 Dos edifícios gigantes
 Exposto ao frio e à chuva
 Ao escárnio dos passantes
 Os golpes dos malfeitores
 A raiva dos relatores
 E os gritos dos vigilantes

(...)

Quanto à forma, não há grande novidade a comentar. São estrofes de sete versos, cada qual contando sete sílabas. Vêm estruturados, quanto à rima, ao modo ABCBDDB.

V

AS COISAS QUE EU NÃO FAÇO

Rogério Menezes e Raimundo Caetano

Do extenso leque de gêneros de que fazem uso nossos Repentistas e Poetas Sertanejos, faz parte o que se chama de “Galope à beira-mar”. É bem o caso da estrofe a seguir, retirada de uma faixa do CD da dupla de Repentistas Rogério Menezes e Raimundo Caetano. Será objeto de nossos comentários, no item apropriado da apreciação dos aspectos formais, como vimos fazendo, nesta coletânea.

Cabe, em primeiro lugar, dizer uma palavra sobre o conteúdo da estrofe. Seguindo a linha das demais estrofes da faixa mencionada, os Poetas e Repentistas Rogério e Raimundo cuidam, com engenho e arte, pôr em evidência os valores éticos decorrentes das relações do cotidiano, em nossa região. Ao fazê-lo, importa não esquecer que os valores destacados pelos Repentistas, ao tempo em que correspondem ao “ethos” dominante, nem sempre se encontram incorporados nos costumes da região. Têm mais a ver com a expectativa e aspirações do que propriamente com as práticas dominantes do dia a dia. São mais elementos discursivos do que do estrito âmbito das práticas.

Nesse sentido, é que os Repentistas, ao se pronunciarem contrários a valores como: estelionato, corrupção, desperdício da jogatina, falsas promessas, etc., sublinham positivamente tais como: honestidade, consciência política, respeito aos desvalidos, coragem, entre outras.

“Não uso práticas de estelionato
 Não escondo as falhas da família
 Não gosto de ratos como os de Brasília
 Não junto o suado pra jogar no mato
 Não vendo o meu voto para um candidato
 Não compro fiado, querendo enganar
 Não entro na água, sem saber nadar
 De pobre não zombo, artista não vaio
 De mole eu não corro, de bêbado não caio
Nos dez de galope na beira do mar.”

(Rogério Menezes e Raimundo Caetano. Galope à Beira-
 Mar. Tema:
 As coisas que eu não faço”)

Do ponto de vista da forma manifesta na estrofe
 acima, convém lembrar que o “Galope à beira-mar” reedita
 todos os passos característicos do “Martelo agalopado”, à
 exceção do último verso, que se toma como o mote da
 poesia. Este vem sempre no final da estrofe, razão por que
 tem que rimar com o sexto e o sétimo versos (portanto, no
 caso, com os versos rimando em “ar”.

SEPTILHAS

Ivanildo Vila Nova e Sebastião Dias

Que modo genial de descrever poeticamente o
 momento mágico da meia noite! “E o sino depois das onze
 / Divide a noite no meio”. As demais estrofes são
 igualmente bem elaboradas e relevantes quanto ao
 conteúdo. As demais estrofes aqui selecionadas trazem a
 lume o drama das pessoas idosas e dos abandonados à
 própria sorte, não raro, depositadas em abrigos, por
 comodismo de suas respectivas famílias, enquanto outras
 vão ficando expostas ao escárnio público.

O guarda cessa o barulho
 O ébrio encerra o passeio
 O silêncio colhe as trevas
 A Igreja vibra o seio
 E o sino depois das onze
 Nas marteladas de bronze
 Divide a noite no meio

De velhos o abrigo cheio
 Sem visitas nem presentes
 Cada velho tem por si
 Os outros velhos doentes
 Rezas, monólogos, perguntas
 E o reumatismo nas juntas
 E o desprezo dos parentes

estrofes de dez versos setessilábicos, com rima no padrão ABBAACCDDC. O toque de distinção consiste mesmo no maior grau de complexidade em razão de as perguntas e respostas deverem ser dadas na glosa das referidas estrofes.

VI

**PASSARINHO QUE CANTA NA PRISÃO
NÃO É CANTO: É UM GRITO DE SAUDADE!**

Enevaldo Hipólito e Vitorino Bezerra

O mote nos incita a debruçar-nos sobre um hábito tão enraizado em nossa cultura nordestina, como o de criar pássaros em gaiolas. Custa-nos compreender a natureza das motivações de tal hábito. O deleite de ter por perto um pássaro vistoso, com canto de rara beleza termina tendo a ver com o o desejo e a satisfação estritamente pessoais ou de uma família, sem tomar em consideração fatores tão graves como a situação da ave, o sentimento de liberdade, o sentido mais profundo da harmonia do Universo, entre outros elementos.

Nessa linha, a estrofe escolhida soa como um grito didático de alerta ante a gravidade de tal hábito, de modo a questionar o declarado amor pela ave que seus donos dizem ter. E se os donos se colocassem um pouco no lugar das aves criadas engaioladas?

Vamos ouvir esse grito de alerta!

“Passarinho que preso está vivendo
Não mais sente o prazer de ser liberto
Quando vê outro pássaro ali por perto
Essa dor cruciante vai crescendo
Quando canta, parece estar dizendo
Eu preciso escapar dessa maldade
Venha aqui me soltar por caridade
Eu tentei, mas sozinho, foi em vão
Passarinho cantando na prisão

Não é canto: é um grito de saudade! “

(De Enevaldo Hipólito e Vitorino Bezerra, op. cit.)

Do ponto de vista da forma, temos mais uma estrofe de dez versos, ao estilo do “Martelo agalopado”: versos decassílabos (com a acentuação na terceira, na sexta e na décima), rima do tipo ABBAACDDC.

Vale, por último, ressaltar o emprego de duas rimas ricas: nos versos segundo e terceiro (o adjetivo “liberto” com o advérbio “perto”), bem como nos versos oitavo e nono (a locução adverbial “em vão” com o substantivo “prisão”).

Jean-Paul Sartre, o escritor
País frio foi Equador
Cassius Clay, peso-pesado
Como eu tenho bom guardado
Já respondi, Cantador

(...)

Me responda como é
Que a águia sustenta a prole
E por que sempre é tão mole
O corpo do caboré
E o peba faz finca-pé
Cava todo o interior
Quem foi que botou a cor
Na plumagem do golado
Se você tem bom guardado
Me responda, Cantador

A águia pra criar osso
Aos ratos causando pânico
Caboré não é mecânico
Mas tem mola no pescoço
O peba tem garra e osso
Rasga a terra sem trator
Na fábrica do Criador
O golinha foi pintado
Como eu tenho bom guardado
Já respondi, Cantador

(...)

Uma simples amostra do gênero “Se você tem bom guardado”. Não contém maior segredo, no que respeita à forma. Trata-se de um gênero composto por

Quem traiu Nosso Senhor?
 Quem negou ao Salvador?
 Quem foi com Ele cravado
Se você tem bom guardado
Me responda, cantador

Pedro não reconheceu
 Ser de Cristo companheiro
 Quem carregou o madeiro
 Foi Simão Cireneu
 Judas foi quem o vendeu
 Gestas foi salteador
 Pôncio era governador
 Dimas morreu ao seu lado
Como eu tenho bom guardado
Já respondi, Cantador

(...)

Me aponte um rei caridoso
 Cite um poeta brilhante
 Descreva um homem gigante
 Mostre um grande criminoso
 Diga um escritor famoso
 E um pugilista de cor
 Anote um reformador
 Visite um país gelado
Se você tem bom guardado
Me responda, Cantador

Poeta bom foi Homero
 Rei bom – Antonino Pio
 Mississipi, um grande rio
 Incendiário foi Nero
 Reformador foi Lutero

VII

NORDESTINAÇÃO

(Composição de Daudeth Bandeira e instrumentação de Chagas Fernandes)

É relativamente comum, entre Poetas e Repentistas nordestinos, a expressão de uma ponta de orgulho por sua região. A reverência à terra natal é atitude corrente, não exclusiva dos Nordestinos e Nordestinas.

Um rápido passeio pela produção de Poetas e Repentistas é suficiente para se dar conta da profundidade do sentimento pela “terrinha”. No caso do Nordeste, isto é patente: desde o Maranhão à Bahia. Aqui se cultivam terras e gentes, com todo o ardor.

Sentimento ainda mais aguçado, diante de situações de menosprezo ou de discriminação ao povo ou à terra nordestina.

Nas estrofes aqui recolhidas, deleitamo-nos com a excelência da poesia produzida e musicada por seus respectivos autores. Quanto à letra, trata-se de uma peça antológica, não apenas quanto às ricas imagens utilizadas, mas também no que concerne à erudição do autor, na composição da mesma. Traço até mais visível em umas estrofes do que em outras. São nove estrofes, das quais – em homenagem à Gente e à terra da Paraíba, onde moramos – nos limitamos a uma delas.

A estrofe recolhida cuida de descrever as excelências da terra paraibana, tomando (como sucede, aliás, em relação às demais estrofes do Poema) a capital como referência privilegiada. A partir daí busca destacar

os pontos que considera mais representativos ou pitorescos do Estado, e mais especialmente da capital: acidentes geográficos relevantes, paisagens, monumentos, figuras célebres (em relação à escolha do Autor ou de outrem, não tem que haver necessariamente concordância). Eis o que nos relata e destaca a estrofe escolhida:

“Esmerada cidade de João Pessoa
De Américo, de Alcides, de Zé Lins
Entre as árvores frondosas dos jardins
Um poema de Augusto ainda ecoa
Nas robustas palmeiras da Lagoa
Dão a ti elegância tropical
O teu busto na área litoral
Se arrepia de amor, ouvindo o cântico
Entoado nas ondas do Atlântico
Sua grande presença oriental”

No que tange aos traços formais da estrofe escolhida, não há novidade à vista. O estilo escolhido foi, uma vez mais, o “Martelo agalopado”.

LVIII

**SE VOCÊ TEM BOM GUARDADO
ME RESPONDA, CANTADOR**

Ivanildo Vila Nova e Sebastião Dias

Nada fácil elaborar-se, de súbito, numa estrofe de dez versos, nada menos do que seis perguntas. Mais ainda complicado, responder, também repentinamente, às seis perguntas, no mesmo padrão de estrofe. Com efeito, se na primeira estrofe, o primeiro Repentista clama por respostas sobre 1) quem ajudou Jesus a levar a cruz; 2) quais os dois ladrões que com Ele foram crucificados; 3) Quem era Pôncio Pilatos; 4) qual dos apóstolos traiu Jesus; 5) quem o negou e 6) e quem morreu ao seu lado, já na estrofe seguinte vêm as respostas de todas elas, ainda que não em sequência. Desafio e performance reeditados, com brilhantismo, nas estrofes seguintes.

Como se percebe, não é qualquer um que se habilita a um exercício desses. Este requer, pelo conteúdo e pela forma, quem tenha acumulado conhecimentos e boa técnica. No caso, felizmente, o desafio foi cair em boas mãos. Ivanildo Vila Nova e Sebastião Dias são figuras de proa na arte do Repente! Escutemo-los!

Me responda sobre os fatos
Do martírio de Jesus
Quem ajudou com a cruz?
Quais foram os ladrões ingratos?
Quem era Pôncio Pilatos?

VIII

GÊNERO: TREZE POR DOZE TEMA: ELOGIOS AO CANTADOR DE VOCÊS

Edmilson Ferreira e Antônio Lisboa

Chegamos, finalmente, a um novo gênero do Repente: o conhecido “Treze por doze”.

Passo a comentar, primeiro, o conteúdo da estrofe selecionada. Estão em jogo qualidades ou defeitos do parceiro de cantoria. No caso específico, trata-se de realçar os bons atributos. Não se deve esquecer que estamos diante de uma exigência de troca de incenso. O compromisso maior não é com o grau de veracidade ou não, mas com a qualidade artística do desempenho de cada um.

Não raro, as qualidades externadas são as que incidem melhor num contexto de métrica e de rima. A imaginação de cada Repentista conta bem mais do que o compromisso ético. Mas, é claro que por vezes sucede uma feliz coincidência...

A despeito dessas reservas, vale sublinhar, além disso, o sentido das qualidades (e respectivos defeitos ou vícios) que mais se destacam. No caso da estrofe selecionada, as qualidades mais apreciadas no parceiro têm a ver com a lisura, com a respeitabilidade pública, seus atributos de Poeta, sua humildade, a ponto de merecer uma recompensa estranha ou heterodoxa do parceiro:

“Ele nunca fez fuxico
Na sua comunidade

Nunca fez perversidade
 Orgulhoso, nem um tico
 E onde ele fica, eu fico
 Para escutar seus cordéis
 Treze, doze, onze, dez
 Nove, oito, sete, seis
 Lá vão cinco com mais quatro
 Com mais um, mais dois, mais três
 Se eu fosse mulher de brilho
 Eu queria ter um filho
 Do cantador de vocês”

Quanto à forma, trata-se do gênero mais extenso, em termos de quantidade de versos: são treze, como o sugere o nome do próprio gênero. Há, porém, uma atenuante do grau de complexidade para o Repentista: é que uma boa parte da estrofe se compõe de versos fixos, imutáveis, associados a meros algarismos, declamados em ordem decrescente, após os quais o Repentista arremata a parte final da estrofe.

Com relação à métrica, trata-se de estrofes compostas de treze linhas de sete sílabas, cada. E no que diz respeito à rima, esta alinha-se mais ao esquema ABBAACCEDEFFD.

O cantador de vocês

Pra cantador de embolada
 Você está bom demais
 Quem faz o que você faz
 Come a vergonha torrada
 Deixe dessa palhaçada
 Bote um pra vender cafés
 É treze por doze
 É onze por dez
 É nove por oito
 É sete por seis
 Ladrão da plateia amiga
 Usurpador de cantiga
 O cantador de vocês

(...)

Mais um, mais dois e mais três
 Bicão e asa de chaleira
 Fura viola e goteira
 O cantador de vocês

Cantador-pé de poeira
 Imbecil sem procedência
 Eu tenho honra e decência
 Não sou da sua maneira
 Artista-troco de feira
 Sobejo, boia e rapés
 É treze por doze
 É onze por dez
 É nove por oito
 É sete por seis
 É cinco por quatro
 Mais um, mais dois e mais três
 Depois dessa gravação
 Vou botar no camburão
 O cantador de vocês

É até contradição
 Das maiores deste mundo
 Permitir a um vagabundo
 Sair numa gravação
 Sem dom, sem voz, sem baião
 Desonrando os menestréis
 É treze por doze
 É onze por dez
 É nove por oito
 É sete por seis
 É cinco por quatro
 Mais um, mais dois e mais três
 Não toca e não canta nada
 É uma besta quadrada

IX

OBRIGAÇÕES DO VAQUEIRO (Sextilhas)
 Pedro Bandeira e Francisco de Assis

“Civilização do couro” – eis a consigna com que João Capistrano de Abreu, um dos primeiros grandes historiadores do Brasil, cunhou o perfil sócio-histórico do processo de colonização do Nordeste interiorano, no qual um lugar fundamental é ocupado pela veneranda figura do vaqueiro. São atribuídas a Capistrano de Abreu as palavras: “De couro era a porta das cabanas, o rude leito aplicado ao chão duro, e mais tarde a cama para os partos; de couro todas as cordas, a borracha para carregar água, o mocó ou alforje para levar comida, a maca para guardar roupa, a mochila para milhar cavalo, a peia para prendê-lo em viagem, as bainhas de faca, as bruacas.”

Ainda, convém salientar a contribuição do grande historiador cearense Capistrano de Abreu, ao descrever diversas atividades da rotina do vaqueiro, muitas das quais se verificam na bela descrição do “ofício” de vaqueiro, tema recorrente nas cantorias, inclusive propostas em motes.

Ao ouvir toda a faixa do CD, da qual seguem essas estrofes, consegui arrolar mais de vinte diferentes atividades atribuídas ao dia a dia do vaqueiro. Vejamos a descrição dos Poetas Pedro Bandeira e Francisco de Assis:

“O vaqueiro é obrigado

Usar gibão e perneira
 Pegar touro, amansar burro
 Colocar sal na cocheira
 Cortar capim na vazante
 Apertar pau de porteira

Fazer peia e focinheira
 Limpar a palma do lastro
 Cada bezerro que nasce
 Tem que fazer um cadastro
 Capar bode, tirar leite
 Curar bicheira no rastro

O vaqueiro é mais um astro
 Que envelhece sem ter fama
 Lava com água de sal
 O peito grosso que inflama
 Só tira o leite da vaca
 Depois que o bezerro mama

Faz uma sombra de rama
 Bota sal, traz a meizinha
 Trata do gado solteiro
 Quando é tempo de morrinha
 Passa dez dias no mato
 Com rapadura e farinha”

Do ponto de vista da forma, a poesia segue o caminho normal de uma sextilha: seis linhas de versos de sete sílabas, com acentos flexíveis, exceto o obrigatório: o que incide sobre a sétima sílaba. As rimas são cruzadas, respeitada sempre a “deixa” da rima do último verso da estrofe precedente, com a qual deve rimar o verso que inicia a próxima estrofe.

LVII

TREZE POR DOZE

Ivanildo Vila Nova e Sebastião Dias

(…)

Eis um gênero relativamente pouco frequente nos festivais de Repente. Como de hábito, deixamos para comentar aspectos da forma, no final das estrofes.

Se não é fácil glosar nesse gênero, menos ainda o é, quando se trata de enfrentar desafio. O primeiro parceiro inicia a provocação, apelando às marcas pouco elogiosas do colega, ao denunciar marcas como ambição, maledicência, sem dispensar alusão jocosa a supostos defeitos físicos do parceiro. Este, por sua vez, responde à altura, abrindo uma bateria de defeitos que atribui ao parceiro (de “Cantador pé de poeira” a “Cantador-troco de feira”)...

Nas estrofes seguintes, mantém-se o tom, de parte a parte, inclusive tentando, cada um, desqualificar o lado profissional do parceiro.

Você além de ser cheio
 De ambição desmedida
 A boca vive entupida
 De impropério e nome feio
 Mente e pega no alheio
 Por isso leva revés
 É treze por doze
 É onze por dez
 É nove por oito
 É sete por seis
 É cinco por quatro

(...)

Para bolir no alheio
 O macaco é um artista
 Mas, sendo criado em casa
 Faz as vezes de humorista
 No circo tem três papéis:
 Mico, servo e trapezista

(...)

Como já foi assinalado acima, nossos Repentistas fazem uso das tradicionais e tão frequentes sextilhas, com as características já conhecidas.

X

VIDA DE VAQUEIRO

Voz e viola: Jurandir Lobo e Paulino Silva

Dada a frequência e o apreço pelo tema, julguei oportuno trazer à baila mais uma produção poética a glosar o dia a dia do vaqueiro, que nos impacta, seja pelo ritmo, seja pela veia poética, mas também por conta dos elementos que nos remetem à estrutura das relações sociais – inclusive as de produção – que condicionam fortemente a vida do vaqueiro.

Embora haja registros de mulheres vaqueiras, o ofício de vaqueiro tem comporta fortes traços masculinos, e mesmo machistas, correspondendo, aliás, aos valores predominantes da sociedade que o circunda.

O dia a dia do vaqueiro chama a atenção por um amplo leque de razões. O número espantoso de tarefas que lhe são atribuídas requer um ritmo e um tempo diário bastante elásticos. Descanso, quase nada, além do noturno.

Além das tarefas rotineiras, o vaqueiro também lida com o imprevisto: rezes adoecem, exigindo-lhes arte e labor na procura e localização, não sem consequências difíceis: o tempo da busca, a natureza da doença, o medicamento a providenciar, o trabalho de reconduzi-la de volta ao rebanho.

O mesmo ofício que também denuncia o caráter perverso das relações de trabalho vigentes, com as exceções de sempre. Mesmo quando tenha conquistado o direito à apropriação da “quarta” parte dos bezeros paridos, é notória a desproporção do trabalho investido por ele, comparado ao do patrão

Ainda que de modo superficial, as estrofes também remetem a outros direitos negados ao vaqueiro, em especial os serviços públicos essenciais (saúde educação, previdência social, lazer etc.).

(...)

“De manhã, veste o gibão
O cavalo já ´stá selado
Toma um cafezinho e sai
Pra o campo apressado
Pra manter o compromisso
Que ele tem com o gado

Na separação do gado
Já ´stão diversas carreiras
Gado solteiro, de um lado
Do outro, vacas leiteiras
E o cachorro de lado
Para o abrir das porteiras

(...)

Entre mangas e carcados
O gado está dividido
O vaqueiro dá um aboio
Como quem faz um pedido
E depois de hora e meia
O gado está reunido

O vaqueiro destemido
E o cachorro de lado
São quatro e meia da tarde
Quando o vaqueiro, enfadado
De longe avista uma rês

LVI

SEXTILHAS

Sebastião Dias e Ivanildo Vila Nova

Na construção natural
O Autor da criação
Escolheu por galeria
Para a sua exposição
Os quadros das telas verdes
Da paisagem do Sertão

A cantiga do carão
Tem acordes de tristeza
Seu abrigo é uma moita
Num recanto da represa
Adivinhando os fenômenos
Das coisas da Natureza

(...)

Das flores e vegetais
A abelha é empregada
Faz o favo, apura o mel
Deixa a cera separada
Trabalha, mas não tem soldo
Faz doce e não ganha nada

João-de-barro faz escada
Corredor e dependência
Molha a terra, amassa barro
Construindo a residência
Um engenheiro pernalta
Das obras da Providência

Rei Davi foi deputado
 Na Assembleia do Acre
 Kruschew fez um massacre
 Nas traíras do Condado
 Jesus Cristo era cunhado
 De Romano de Teixeira
 Escreveu a Bagaceira
 Mas se esqueceu do bagaço
**Eu querendo também faço
 Igualzinho a Zé Limeira**

Confúcio foi na Bahia
 Pai-de-santo e curandeiro
 Anchieta era pedreiro
 No farol de Alexandria
 Hitler nasceu na Turquia
 Vendia manta na feira
 A Revolução Praieira
 Degolou Torquato Tasso
Eu querendo também faço
 Igualzinho a Zé Limeira

(...)

Deodoro foi judeu
 Rômulo foi bom alfaiate
 Mussolini era mascate
 Na loja de Galileu
 Napoleão revendeu
 Goiabada de Pesqueira
 O padre Antônio Vieira
 Botou Adão no cangaço
 Eu querendo também faço
 Igualzinho a Zé Limeira

Que separou-se do gado

No galope acelerado
 Se dirige ao local
 Encosta o cavalo e grita
 Perseguindo o animal
 Até juntá-la à boiada
 Em direção ao curral

(Do CD “Zé Vicente da Paraíba, Violas e Amigos”, faixa
 5)

**EU QUERENDO TAMBÉM FAÇO
IGUALZINHO A ZÉ LIMEIRA**

Ivanildo Vila Nova e Severino Feitosa

Homenagem merecida, essa poesia dedicada à figura do Poeta Zé Limeira, esse grande Poeta e Repentista paraibano, nascido no Sítio Tauá, em Teixeira. Contam que costumava perambular pela fecunda região de Teixeira (berço de grandes poetas e repentistas, notadamente no século XIX), com roupas exóticas, grandes óculos escuros, estilo semelhante ao do folclórico e bem-humorado Falcão.

É assim que nossos autores tratam de prestar seu tributo a Zé Limeira, destacando seu estilo original, apelando às mais distintas figuras históricas, invertendo espaço, tempo, estilo de vida, profissão, atividades...

Nasceu Maria Bonita
No ano três mil e quatro
Herodes brincou teatro
Na casa de Rocha Pitta
Aníbal dava marmita
Para Maria Primeira
O bonde da Imbiribeira
Passou por cima de Crasso
**Eu querendo também faço
Igualzinho a Zé Limeira**

(...)

Pela fé tem quem conquiste
 Tem quem morra pela missa
 Dinheiro compra caráter
 A roupa custa carniça
 Sobra lei que não se aplica
 Falta quem faça justiça

(...)

Volta das sextilhas, o gênero mais frequente nas cantorias e nos festivais do Repente. A despeito de sua simplicidade – estrofes de seis versos setessilábicos, com rima alternada, a partir do segundo verso -, as sextilhas permitem uma narrativa mais fluente. E nas mãos de uma dupla de respeito, elas se tornam igualmente encantadoras.

XI

QUANTO É GRANDE O AUTOR DA NATUREZA

Zé Vicente e Edson Bezerra

Mais uma vez, deparamo-nos com o maravilhamento dos Poetas Populares, diante do extraordinário manifestado pela Natureza e seus caprichos.

Em seus distintos reinos, não cessam as descobertas desconcertantes: pássaros geniais com raro potencial arquetônico; aranhas em seu divino ofício de tecelagem; a legendária fidelidade do cão ao seu dono; as astúcias do papagaio; o segredo da água entesourada num coco...

João de Barro, engenheiro construtor
 Não precisa de planta nem projeto
 Conseguiu o diploma de arquiteto
 Recebido da mão do criador
 Ele mesmo é um ser trabalhador
 Sem gastar um centavo com despesa
 Sua casa é o ninho – que beleza!
 Construída na árvore do pomar
 Já no nível da água não entrar
Quanto é grande o Autor da Natureza!

A aranha maior ou miudinha
 Tecelã de uma rede muito linda
 Até hoje ninguém não sabe ainda
 Qual o lado em que ela emenda a linha
 Quem andar pela flora bem vizinha

Vê um grande rendado de surpresa
 A ramagem naquela renda presa
 Sem ninguém entender como foi feita
 Outra obra de Deus: não tem receita
Quanto é grande o Autor da Natureza!

(...)

O coqueiro na sua formação
 Com os frutos ligados em um cacho
 Seja alto demais ou muito baixo
 Como vemos aí coqueiro-anão
 Apoiando seus frutos pelo chão
 Cada fruto contém na água presa
 Sem riacho, sem rio, sem correnteza
 Nem de chuva também, que não pingou
 Ninguém viu como foi que a água entrou
Quanto é grande o Autor da Natureza!

O cachorro tem tanta lealdade
 Que o dono o castiga impiamente
 Mas, depois que o chama, vem urgente
 Esquecendo do dono a crueldade
 Por desígnio ou por fatalidade
 Um infarto o ataca de surpresa
 Cai o dono, ele fica na defesa
 E voando, avisa a todo o povo
 Vai em casa, correndo, e vem de novo
Quanto é grande o Autor da Natureza!

(...)

Papagaio aonde foi criado
 Sabe a fala do povo aonde mora
 - "Oh de casa", alguém diz. "Oh de fora"

LIV

SEXTILHAS

Ivanildo Vila Nova e Severino Feitosa

Além da reconhecida e decantada fama dos Repentistas-autores dessas sextilhas, há de se destacar o sentido da reflexão proposta: o sentido do viver diante do fenômeno da morte. Os Poetas preferem destacar os valores permanentes que dão sentido à vida, mesmo para além da morte.

Diante das vicissitudes do existir, sai-se bem melhor que põe em prática os valores que não se desgastam: a humildade, a sabedoria de distinguir o que é provisório do que permanece, a decência, a justiça...

A pressa gera ganância
 Aniquilando os terrenos
 Vida sem amor é morte
 Amando se morre menos
 O Universo é tão grande
 Nós é que somos pequenos

(...)

Existe quem se desforra
 Porque fuma, joga e bebe
 A distinção é dos homens
 Entre a nobreza e a plebe
 Com a morte é diferente
 Morreu, o caixão recebe

Ele mesmo responde com agrado
Quem chegou, fica muito admirado
Aguardando alguém vindo com presteza
Ninguém vem atender, ai que tristeza
Não há fala nem riso, não há choro
Só a fala baixinha dizer: “Meu louro!”
Quanto é grande o Autor da Natureza!

(Do CD Zé Vicente da Paraíba, Violas e Amigos, faixa 6)

Quanto à forma, não há novidade à vista. Trata-se do já comentado estilo “martelo agalopado” ou estrofes de dez versos decassílabos, com acentos incidindo sobre a terceira, a sexta e décima, e com rimas do tipo ABBAACCDDC.

**O Nordeste humilhado se levanta
No gemido assombroso do trovão.**

(...)

Retomada do gênero “Martelo Agalopado”, recorrente nesta seleção de estrofes. São, como se sabe, estrofes com dez versos decassílabos, com acentos incidindo sobre a terceira, a sexta e décima sílabas, e rimando à base do padrão ABBAACDDC.

Cada pássaro interpreta uma canção
 No piano abstrato da garganta
O Nordeste humilhado se levanta
No gemido espantoso do trovão

Zero hora depois que a Lua sai
 Sopra a brisa no leque do coqueiro
 O relâmpago clareia o nevoeiro
 O trovão estremece, a chuva cai
 Salta o filho de alegre, e diz ao pai
 Vamos logo cuidar da plantação
 Leva o milho, o arroz, fava e feijão
 O pai cava na frente, e o filho planta
O Nordeste humilhado se levanta
No gemido estrondoso do trovão

Se alegram os sete animais
 Os cavalos relinham pelos campos
 Borboletas, besouros, pirilampos
 Aparecem nos verdes vegetais
 Muge o gado na lama dos currais
 E o peba é trator que cava o chão
 No espaço profica o gavião
 Quando o sapo coaxa, geme a anta
 O Nordeste humilhado se levanta
 No gemido assombroso do trovão

Camponês quando vê o chão molhado
 Bate logo a enxada, e chama o filho
 Pega um litro de fava e seis de milho
 Passa o dia na luta no roçado
 Volta à tarde pro lar, sujo e suado
 Passa água nos pés, tira o carvão
 Se acocora bem perto do fogão
 Diz pra sua consorte: “Bote a janta”

ENRIQUECE O JUÍZO DO POETA
O CAIR DE UMA NOITE NO SERTÃO

A Natureza é por excelência o manancial de inspiração dos Poetas Populares. Fonte inesgotável, diga-se de passagem. Por conta de sua rica e multiforme manifestação, os Poetas e as Poetisas vivem em estado de graça.

Em suas mais diversas dimensões (interplanetária, planetária, estrelas, Sol, Lua, neve, águas, rios, mares, oceanos, vales, montanhas, matas e florestas, fenômenos da natureza, animais os mais diversos, a rica flora, sem falar no bicho-homem - tudo é densa matéria-prima, na mente e no coração dos Poetas para a produção da poesia.

Nesse quadro de encantamento, o Luar – especialmente num cair de tarde – fecunda a imaginação dos Poetas:

E se for uma noite de luar
 Aparecem centenas de imagens
 São as résteas da lua nas folhagens
 Como um filme das coisas do pomar
 Para o lado que a gente se virar
 Quer na pele dos frutos pôr a mão
 É apenas engano da visão
 Quem não sente, não vê, não interpreta
Enriquece o juízo do poeta
O cair de uma noite no sertão

Quando o rosto do Sol desaparece
 Escondido por trás da serra
 Bate o sino tocando a “Ave Maria”
 E o pastor na Igreja faz a prece
 E o Poeta na hora reconhece
 O poder do Autor da criação
 Ergue o peito, contempla a amplidão
 Infinita, mimosa e predileta
Enriquece o juízo do poeta
O cair de uma noite no sertão

Quadro deslumbrante, que se completa com a beleza da forma trabalhada e expressa por deste “Martelo agalopado”, nas características comuns às estrofes de dez versos decassilábicos, rimados na forma correspondente (ABBAACDDC).

LIII

O NORDESTE HUMILHADO SE LEVANTA COM O GEMIDO ESPANTOSO DO TROVÃO

A Natureza, em suas alternâncias, nunca deixa de ser curtida e apreciada pelo Povo dos pobres, também no sertão. Se é certo que, em tempos de seca, os nordestinos esboçam cara sisuda – e não por acaso: é preciso passar pela experiência de uma grande seca, como, por exemplo, aquela de 79 a 83 que assolou vasta área nordestina, como a do sertão cearense, na região de Crateús cujo relato tocante foi publicado em forma de livro -, não menos verdade é a imensa alegria estampada nesses mesmos rostos, com a chegada do “inverno” nordestino, e, antes mesmo, com os sinais que precedem e acompanham esse período.

Chuva, com ou sem relâmpagos e trovões, é sempre bem-vinda para os nordestinos, especialmente os sertanejos. Ou quase sempre: quando chegam em excesso, provocam inundações, e aí a reza é outra: “Meu Deus, perdoa esse pobre coitado”... À exceção dessas tragédias – resultantes da ação humana devastadora e agressiva à Mãe-Natureza -, as chuvas são recebidas com entusiasmo indescritível, em que “Cada pássaro interpreta uma canção / No piano abstrato da garganta.”

Vendo que pela terra a água role
 Agradece a Deus porque Ele é santo
 O caroço de milho cresce tanto
 Que um frango de raça não engole
 O arado revira a terra mole
 Vê-se o lodo da pedra lá no chão

XIII

**NO TEMPO DE PAI TOMÁS
PRETO VELHO E PAI VICENTE**

Poesia que expressa refinada sensibilidade social e histórica. Um brinde à resistência dos oprimidos, em busca de resgatar-lhes a memória perigosa. Sua trajetória de dominação, mas também de resistência e de valente protagonismo.

Os autores começam rememorando significativos elementos históricos da trajetória de sofrimento dos Africanos escravizados, arrancados desde sua terra natal e trazidos à força, em péssimas condições de travessia oceânica, para as Américas, tendo sido o Brasil o destino de cerca de 40% desse contingente.

Na última estrofe selecionada, os Poetas aludem a figuras do Cangaço, em cenas envolvendo a região paraibana de Teixeira.

Escravizados
Os antigos Africanos
Por senhores desumanos
Fazendo-os sacrificados
Capturados
Amarrados na corrente
Vendidos a outra gente
De países tropicais
**No tempo de Pai Tomás
Preto Velho e Pai Vicente (Bis)**

De Portugal
 Vinham treze caravelas
 Todos ocupantes delas
 No comando de Cabral
 Um temporal
 Baixou violentamente
 Deu destino diferente
 Das Ilhas Ocidentais
No tempo de Pai Tomás
Preto Velho e Pai Vicente (Bis)

José Pereira
 Em novecentos e trinta
 Botou um punhal na cinta
 E arrochou a cartucheira
 Logo em Teixeira
 Começou matando gente
 Com u´a emboscada na frente
 Esperando os Liberais
No tempo de Pai Tomás
Preto Velho e Pai Vicente

As estrofes de dez versos comportam apenas duas linhas de quatro sílabas (no caso, a primeira e a quarta), enquanto as demais são de sete sílabas. Quanto à rima, as estrofes se apresentam assim estruturadas: ABBAACCDDC

Todo jovem em princípio é sectário
 Militante, anti-yankee, condutor
 É também libertário, agitador
 Um perfeito revolucionário
 Cresce, casa, se torna secretário
 E aí o quê trata de fazer?
 Leva logo a família a conhecer
 Disneylândia, Washington e Hollywood
 Não conheço esquerdista que não mude
 Quando pega nas rédeas do poder

(...)

É um mártir quem tem convicção
 De arriscar sua vida, seu emprego
 A família, o futuro e o sossego
 Por um Povo, um Projeto, uma Nação
 Um Sandino tentou, mas foi em vão
 Um Guevara esforçou-se por fazer
 Hoje em dia, é difícil aparecer
 Um Lamarca, Marighella, Robin Wood
 Não conheço esquerdista que não mude
 Quando pega nas rédeas do poder

(...)

Sem novidade, do ponto de vista da forma: trata-se de estrofes em décimas, no estilo Martelo Agalopado, com estrofes de dez versos, cada verso com dez sílabas, cujos acentos incidem na terceira, na sexta e na décima sílaba. Quanto à rima, carregam o estilo ABBAACCDDC.

o que não cansavam de declarar serem suas convicções mais fundas. É aí que a coisa pega... É nisso que se enraízam o mote e sua respectiva glosa, de autoria de uma dupla entre as que gozam de maior reconhecimento no Repente.

Antes de saboreamos seus versos, cabe uma pergunta: a atitude criticada, a justo título na poesia, é necessariamente devida ao exercício do poder, ou já ela já preexistia nos candidatos? Em outras palavras: o poder corrompe ou apenas evidencia quem é quem?

Radical se transforma em moderado
 Se quiser jogar bem no outro time
 Ou acopla-se aos modos do regime
 Ou então é deposto ou é cassado
 Quando ele não fica deslumbrado
 Com mulheres, passeio e prazer
 Mordomia, redoma, luxo e lazer
 Tudo isso é efêmero, mas ilude
 Não conheço esquerdista que não mude
 Quando pega nas rédeas do poder

Um ministro, prefeito ou deputado
 Com direito a chofer e secretária
 Segurança, assessor, estagiária
 Gabinete com ar-condicionado
 Vai lembrar-se do proletariado
 Vai curtir se há panela pra viver
 Ou então não irá se aborrecer
 Com favela, com mofo nem com o grude?
 Não conheço esquerdista que não mude
 Quando pega nas rédeas do poder

(...)

XIV

NO SERTÃO DO SABUGI

Bela canção. Como tal, feita com o propósito de associar letra e melodia. É o canto da terra natal, tão apreciado pelos migrantes nordestinos, a exemplo da consagrada “Triste Partida”, de autoria do grande Patativa do Assaré, cujo centenário de nascimento está sendo comemorado, este ano. A letra de “A Triste Partida” foi imortalizada, como se sabe, na canção executada por Luiz Gonzaga.

No caso desta canção, cuja motivação mais forte vem da saudade da culinária do Sertão do Sabugi, situado próximo às fronteiras do Rio Grande do Norte com a Paraíba.

A despeito da ênfase localizada da canção, as características da culinária aí enaltecidas, em verdade, podem ser estendidas ao sertão nordestino e até a outras áreas, mas aqui tomadas como sendo produtos específicos do Sertão do Sabugi. Belo xote!

Eu vou-me embora
 Já não fico mais aqui
 Vou lá pra minha Serra
 No sertão do Sabugi

Na minha casa
 Tinha tudo com fartura
 Munguzá com rapadura
 Carne-de-sol e feijão
 Lá na panela

Uma qualhada bem fresquinha
 Carne assada com farinha
 Leite quente no fogão

Batata doce
 Com leite coco
 Essa vida de caboclo
 Só tem mesmo no sertão

Uma canção com seu estribilho. Este, formado por apenas quatro versos, sendo o primeiro composto por quatro sílabas, enquanto os outros três por sete. O estribilho tem rima cruzada.

Com relação às demais estrofes, aparecem com estrutura diferenciada. A primeira, com oito versos, sendo o primeiro e o quarto de apenas quatro sílabas, enquanto os demais têm sete sílabas. A rima característica é do tipo ABBCDEEC

Há uma estrofe de apenas quatro versos com métrica e rima variadas.

NÃO CONHEÇO ESQUERDISTA QUE NÃO MUDE QUANDO PEGA NAS RÉDEAS DO PODER

Ivanildo Vila Nova e

A atual conjuntura brasileira, inaugurada pelo Movimento pró-PT, há trinta anos, na qual vem pontificando o Governo PT, com sua referência maior, o atual Presidente Lula, se presta especialmente para ilustrar a realidade a que alude o mote desse Martelo Agalopado.

Presta-se melhor pelo enorme acúmulo das promessas dessa força política e seus aliados. Esses sujeitos políticos foram responsáveis por um acúmulo ímpar de expectativas transformistas. Foi assim principalmente em suas origens e até certa altura.

Nenhuma força política granjeou mais simpatias das massas populares do que conseguiram o PT, suas lideranças e seus aliados. Nenhuma força política de esquerda, na história do Brasil, conseguiu, ao mesmo tempo, tal penetração e tal longevidade.

Uma vez tendo acedido ao Governo, as promessas de origem foram caindo progressivamente no vazio. Falaram mais alto os interesses grupais e a gana pelo poder de governar...

Foi assim que, após galgar sucessivas e crescentes eleições de vereadores, deputados estaduais, governadores, deputados federais, senadores, alcança a presidência, com seus ministérios e aparelhos estatais, o PT e seus aliados, na sua grande maioria, vão arrefecendo, abandonando, quando não mesmo traindo.

Uma dor que vem me atrapalhando
 Mas depois a alegria vem chegando
 E me sinto com eterna companhia
Só existe valor na alegria
Se a tristeza chegar de vez em quando

(...)

Mais uma ilustração de estrofes do tipo décimas, com as características já conhecidas e comentas, acima, bem mais de uma vez, a exemplo das vezes em que apareceram estrofes ao modo “Martelo Agalopado”.

XV

SEXTILHAS SOBRE OS ETs

Raimundo Caetano e Rogério Menezes

Notável é a diversidade de assuntos e questões tomados como objeto de glosa pelos Poetas e Repentistas. Um leque de enfoques a envolver vários campos de saberes, inclusive o campo científico. Este não é bem o caso dessas sextilhas glosadas por essa famosa dupla de Repentistas nordestinos.

Tematizam, desta vez, a controversa questão dos célebres objetos voadores não-identificados – os ÓVNIS, ou mais comumente chamados, os ETs, seres extraterrestres.

Aqui os Poetas se fazem exímios porta-vozes do imaginário popular, e de suas principais curiosidades: quem são esses seres? O que fazem e onde habitam? O que os leva a nos “visitarem”? Qual seu propósito? O que têm em comum e de diferente com os habitantes da Terra?

A polêmica dos ETs
 Abre diversos caminhos
 Para estudos e análises
 Desses prováveis vizinhos
 Pois dentro do Universo
 Nós não estamos sozinhos.

(...)

Quais os interesses seus?

Onde esse povo habita?
 Que sistema de governo?
 E em que Deus acredita?
 Por que nunca nos disseram
 O motivo da visita?

A Terra é feia ou bonita?
 Qual será sua impressão?
 Vem aqui como um turista?
 Ou será um espião
 Preparando uma estratégia
 Pra fazer uma invasão?

(...)

Que arsenal será usado
 Nas mãos desses invasores?
 Será que usam satélites
 Radar ou supersensores
 Por que é que vez de jato
 Usam discos voadores?

Será que eles sentem dores
 Do jeito que a gente sente?
 Bebem, fumam, jogam, dançam?
 Fazem sexo como a gente?
 O que será parecido
 E o que será diferente?

Se transportam lentamente
 Ou rápido como os cometas?
 Serão gênios ou lunáticos
 Vestidos de estatueta
 Nas vias intergaláticas

LI

SÓ EXISTE VALOR NA ALGRRIA SE A TRISTEZA CHEGAR DE VEZ EM QUANDO

Agora, um bom exercício de filosofia existencial é o que nos propõe o mote acima, cuja autoria também me escapou. As novas gerações têm sido especialmente fascinadas pelo princípio do prazer. Ninguém vive em busca de dor, a menos que traga marcas insanas. Somos chamados a viver bem, alegres, em paz. Ocorre que a vida é misturada: combina horas de prazer com horas desagradáveis, de dissabores, de dor e sofrimento. Estas, aliás, nos acompanham até com maior frequência do que aquelas.

Diante desse quadro existencial, melhor se prepara para a vida quem toma em conta tal constatação. E, ao contrário, vai se dar mal quem só sabe lidar com o prazer, sem qualquer aprendizado de outros momentos.

Nessas ocasiões, costuma vir à memória a afirmação de uma dessas figuras-referência - o apóstolo Paulo, em sua carta aos filipenses (4, 12) - a testemunhar sua atitude de rara maturidade diante das vicissitudes da existência humana: "Sei viver na penúria, e sei viver também na abundância, fartura e na penúria." Não será esta uma pista sábia a ser tomada a sério?

Sou Poeta que canto pelas praças
 Nos acordes sonoros da viola
 Obedeço aos métodos da escola
 E aos costumes reais de nossa raça
 Neste peito romântico sempre passa

Todo dia
 Crescendo de mais e mais
 Sei que o homem nesse avanço
 Sem descanso
 Talvez queira encontrar paz
 Pergunta tudo a si mesmo
 Fica a esmo
 A pergunta que ele faz

(...)

Não parece tão simples a estrutura dos versos da
 Toada Alagoana. Do modo como vem transcritas as
 estrofes, estas constituem-se de nove versos com número
 de sílabas oscilando entre versos de sete e de três. Os três
 versos de três sílabas incidem, respectivamente, no
 segundo, no quinto e no oitavo versos. A rima estrutura-se
 no padrão AABCCBDDDB

Tirando a paz dos planetas?

Terão livros e canetas
 Relógios e calendários?
 Falam que tipo de língua?
 São nômades ou sedentários?
 Ou são pilotos do Cosmo
 Em voos interplanetários?

Recorrem às sextilhas como estilo de cantoria. As
 estrofes vêm, pois, compostas por seis versos
 setessilábicos, sendo que o primeiro rima com o último
 verso da estrofe anterior. Os demais versos – refiro-me
 aos pares – apresentam rima cruzada.

Fonte: Raimundo Caetano e Rogério Menezes. CD **Brasil
 500 Anos**

TOADA ALAGOANA

Oliveira de Panelas e Otacílio Batista

A inclusão dessas estrofes deveu-se principalmente ao fato de acenarem para um estilo que ainda não havia sido ilustrado. Refiro-me à “Toada Alagoana”. Claro que, para além do tipo de estrofe, pesa bastante a qualidade das mesmas, além da excelência de seus autores.

As inquietações aqui tematizadas são, de um lado, a banalização da violência; e, de outro, o fascínio do progresso.

Quando os as estruturas se têm mostrado impotentes para enfrentar o drama da crescente violência, é na Arte que os Poetas buscam inspiração. Do mesmo modo, é na Arte que vão buscar alento para os desmandos de um progresso que não tem contribuído para o processo de humanização.

Enquanto o homem na Terra
Forma guerra
Sete dias da semana
Eu tão farto me conservo
E observo
Tanta violência humana
Enquanto o mundo enlouquece
Eu faço prece
Na toada alagoana

Vejo a tecnologia

Bahia tem candomblé
 Tem novena e tem forró
 Tem mandinga e catimbó
 Sururu e acarajé
 Tem a dança do Toré
 Tem a Negra feiticeira
 Tem a briga de rasteira
 Que o Negro não se segura
 Preservação e Cultura
 Da família brasileira

(...)

Trata-se, quanto à forma, de estrofes compostas por dez versos, cada um com sete sílabas, seguindo a estrutura de rima do tipo ABBAACDDC.

XVI

DÉCIMAS SOBRE OS 500 ANOS DO BRASIL

Raimundo Caetano e Rogério Menezes

Em 1992, celebrou-se, como se sabe, o quinto século da chegada dos europeus às Américas e ao Brasil. Por todo o continente, houve comemorações acerca do polêmico significado desses quinhentos anos de colonização.

Os Poetas Raimundo Caetano e Rogério Menezes houveram por bem deixar o seu recado, propondo o seu balanço crítico desses quinhentos anos. E assim, vão rememorando elementos diversos da saga do Povo brasileiro, de índios, de Africanos escravizados, de Trabalhadores pobres.

Denunciam os traços perversos da colonização, seja do ponto de vista econômico (o processo de invasão, a escravização dos povos nativos e de outros arrastados da Mãe-África, a exploração das riquezas, sua apropriação indevida, os massacres perpetrados com toda a crueldade. Narram, igualmente, como se deu a resistência pelos Índios, Negros e Trabalhadores pobres, contra os invasores e seu projeto de dominação.

Cinco séculos de história do Brasil
 Que nasceu pelas mãos dos Lusitanos
 Meu país vai fazer quinhentos anos
 No vigésimo segundo de abril
 Na segunda estação ano dois mil
 Chegará à metade de um milheiro
 Cinco séculos cativo ao estrangeiro

Num estado de subserviência
Colocando em profunda dependência
A história do Povo brasileiro

Cinco séculos de abuso e dor imensa
As reservas indígenas no sufoco
Nossos Índios morrendo pouco a pouco
Muito pouco foi mostrado na imprensa
Os que não faleceram por doença
Foram vítimas da mão dos garimpeiros
Para o bem do comércio madeireiro
Nossas matas são vítimas do machado
Esse é mais um capítulo ensanguentado
Na história do Povo brasileiro

(...)

O Brasil fecha o quinto centenário
Sob as ordens de um péssimo governante
Uma taxa de juro exorbitante
Extorsão no sistema tributário
CPI no poder judiciário
Corrupção no sistema financeiro
O tesouro é a fonte do banqueiro
O Congresso está cheio de “Escadinhas”
Tem sujeira demais nas entrelinhas
Da história do Povo brasileiro

Cinco séculos de história sanguinária
Com um Povo ferido e massacrado
Camponeses morrendo em Eldorado
E crianças no chão da Candelária
O Pontal por querer Reforma Agrária
Tomou banho com sangue de posseiro
Com soldados, jagunços e grileiros

PRESERVAÇÃO E CULTURA DA FAMÍLIA BRASILEIRA

A presença do Sagrado constitui um traço vivo do universo cultural nordestino/sertanejo. Principalmente como expressão da herança do Catolicismo popular, recheado de devoções.

As estrofes seguintes trazem à baila importantes elementos desse imaginário popular. Fato que também se traduz num apelo à preservação da Cultura, com sua grade de valores que tem uma influência decisiva no modo de ser e de agir das gentes nordestinas. As devoções populares têm um lugar nada desprezível nesse sentido, com suas novenas, seus terços, suas festas de padroeiro, suas procissões etc.

Universo que contribui ainda para a manutenção da grade de valores dominantes, no que se cumpre um significativo papel de conservação sociopolítica.

(...)

Nas novenas do sertão
Rezam terço e ladainha
Pai Nosso e Salve Rainha
Com a maior devoção
Ajoelhados no chão
Em cima de uma esteira
Uma velha rezadeira
É quem lê na Escritura
Preservação da Cultura
Da família brasileira

A chacina invadiu Corumbiara

Isso é triste demais, mas é a cara
Da história do Povo brasileiro

Cinco séculos cruéis de ditaduras
Confinando nos cárceres degradantes
Jornalistas, políticos, estudantes
Muitas vozes caladas na censura
Confissões arrancadas na tortura
Muita gente enterrada sem coveiro
A Justiça calada por inteiro
Sustentando o regime militar
Temos pouco demais pra festejar
Na história do Povo brasileiro

Sem maior novidade a registrar, quanto à forma. Percebe-se facilmente que os Poetas e Repentistas recorrem ao estilo do Martelo Agalopado, já comentado anteriormente, tanto quanto à métrica quanto no que diz respeito à rima.

Aqui, ali e mais além
 Uma e outra se mudando
 Várias serras cachimbando
 Sinais que o inverno vem

Uma cobra venenosa
 Briga com o teju-açu
 No pé de mandacaru
 Entre espinhos nasce rosa
 E se diz silenciosa
 Na hora que sente fome
 No arvoredado se some
 Ocultando seu tamanho
 Na passagem do rebanho
 Pega um bicho, mata e come

O caboclo na cabana
 Deitado em sua palhoça
 Vendo o verde da roça
 Vê sorrindo a serrana
 Bota um pratinho de cana
 Bebe, tempera a garganta
 Almoça, pensa na janta
 Faz um cigarro de fumo
 Abre a porta e sai no rumo
 Da sombra de qualquer planta.

Quanto à construção da forma, trata-se, como se percebe, de estrofes compostas de dez versos setessilábicos, com rima do tipo ABBAACDDC.

Uma tocha avermelhada
Aparece lentamente
Na janela do nascente
Saudando o romper da aurora
No sertão que a gente mora
Mora o coração da gente

Canta o galo, o pinto pia
Toda a passarada canta
A cabocla se levanta
Vai lutar durante o dia
Enche o pote de água fria
Tira a cinza do fogão
Passa a vassoura no chão
Passa o pano, limpa a casa
Faz o fogo, ajeita a brasa
Faz café e assa o pão

Abelhas sugando as flores
No jardim da natureza
Fabricando com pureza
O mel de finos sabores
Pássaro de duas cores
Conhecido por canção
Salta mais do que ladrão
Pelos galhos da jurema
O grito da seriema
Chama de quem passa a atenção

Nas quebradas do sertão
Vê-se o pulo do macaco
Volta o pato pro buraco
Temendo as presas do cão
As aves de arribação
Ficam assombradas também

XVII

NOS DEZ DE GALOPE NA BEIRA DO MAR

(Tema: picos, mares, oceanos, lagos, cachoeiras, ilhas,
vulcões, desertos, rios e praias)

Raimundo Caetano e Rogério Menezes

Com admirável criatividade, os Poetas tratam de exercitar magistralmente a Geografia, servindo-se da linguagem dos versos.

Iniciativa meritória, sob diversos aspectos. O primeiro tem a ver com a própria Arte. Traduzir em forma de letras – e letras tecidas, por vezes, com imagens deslumbrantes -, letras metrificadas, letras rimadas.

Há outros pontos a confirmarem o mérito do exercício artístico aqui apresentado. Enriquece a motivação da aprendizagem, à medida que se ensaia uma nova linguagem, além da mera escrita ou da oralidade convencional.

A iniciativa ainda revela o lado investigativo dos Poetas e Cantadores. Para se glosar tais versos, é natural que seus autores tenham recorrido a várias fontes, a fim de consultar uma variedade enorme de nomes de rios, montanhas, oceanos e mares, picos, lagoas, desertos, praias e outros postais de nossa rica Geografia,

(...)

Mares e oceanos atraem a atenção
Oceano Índico é tão magnífico
Oceano Ártico, Atlântico e Pacífico

Mar Morto e Mar Negro e o Mar do Japão
 E o Mar Vermelho em que Deus pôs a mão
 Dividindo as águas pra Moisés passar
 Mar Báltico, Mar Cáspio – dá pra navegar
 O Mediterrâneo expõe maravilhas
 Baía de Hudson e o Mar das Antilhas
 Nos dez de galope na beira do mar

(...)

Kwaker, Marajó, Melville e Malvinas
 Malheita, Hevéia, Cuba e Havai
 Jamaica, Maurício, Mindora, Mali
 Minos, Terra Nova, Bantus, Filipinas
 Caimã, Indonésia, Japão, Sacalinas
 Alcaida, Samoa, podemos citar
 A Terra do Gogo não dá pra queimar
 Irlanda, Geórgia, Letícia do Norte
 Quem sabe das coisas, não precisa sorte
 Nos dez de galope na beira do mar

Dão as quedas d'água uma vista bela
 Como as Sete Quedas – vê-se a olho nu
 Urubupungá, lá do Iguaçu
 E a Jorge Sexto, de Uruntigela (?)
 E Licotemán, na Venezuela
 Marcos, Marimbondo, beleza sem par
 Rangel, Paulo Afonso, beleza exemplar
 Aiozenite (?), Cuchi e Vitória
 São as quedas d'água lavando a História
 Levando a sujeira pra dentro do mar

(...)

XLVIII

COISAS DO SERTÃO

Otacílio Batista e Oliveira de Panelas

Em matéria de frequência, parece difícil precisar qual dos dois mais fascina e mais inspira os Poetas e Repentistas: a aurora ou o pôr do Sol? Ambos são irresistíveis à imaginação poética, à contemplação da Mãe-Natureza, à admiração do Sagrado. Que bela descrição da aurora, já na primeira estrofe! Vamos saboreá-la? Fascínio que não se restringe à primeira estrofe, que, por si só, já nos satisfaz. Também as demais mantêm o poder de sedução. E não apenas por conta da beleza hipnotizante dos cenários mágicos propiciados pela aurora. Vem, em seguida, o encanto das tarefas do cotidiano sertanejo: ir buscar água na fonte, tirar a cinza do fogão, fazer fogo, varrer a casa e o terreiro, fazer o café, assar pão... De fato, não menos deslumbrante é a parte final da segunda estrofe!

Mais: a beleza do trabalho das “Abelhas sugando as flores / No jardim da Natureza”, o saltitar dos pássaros sobre as árvores, o canto da seriema, as serras “cachimbando”, o intrigante movimento dos animais... É um cenário de magia indescritível. É algo a ser curtido, de perto, de dentro!

É assim que se passa “Nas quebradas do Sertão”!

Ao romper da madrugada
 Um vento manso desliza
 Mais tarde, ao sopro da brisa
 Sai voando a passarada

Do engenho belo e saudoso
 Resta somente a madeira
 Ao lado da bagaceira
 Das canas que ele moía

(...)

Meu velho engenho de pau
 Não sei como te visito
 Resistindo àquele grito
 Do vaqueiro atrás do boi
 O tangedor foi embora
 A boiada não existe
 A fazenda velha e triste
 Não parece mais quem foi

(...)

Meu velho engenho de pau
 Eu também vivo sofrendo
 Uma saudade moendo
 Meu coração em tortura
 Tu tinhas na cana pura
 O mel que te dava o gosto
 Eu tenho só no meu rosto
 O fantasma da amargura

Estamos diante de oitavas, estrofes construídas em oito versos setessilábicos, cuja estrutura de rima vem no formato ABBCCDDC.

E falar dos grandes rios vale a pena
 Como o Amazonas, tem o Juruá
 Tennessee, Missouri, Jarí (?), Paraná
 Como o Mississipi, o Voga e o Sena
 Purus e o Congo, Levi, Serilena (?)
 Como o São Lourenço, rio secular
 Madeira e Mekong, não dá pra parar
 Tocantis e Níger, Negro e Solimões
 E o Velho Chico banhando os sertões
 E descendo em galope pra beira do mar

Nas praias, nós temos Porto de Galinha
 Canoa, Quebrada, Praia Tambaú
 A Ponta do Seixas, a Genipabu
 Meireles, Futuro, Jurema e Ritinha (?)
 Baía da Traição, Maria Farinha
 Temos Majorlândia, capaz de encantar
 País, Piedade, pra veranejar
 Tambaba, Iracema, juntar Mecejanas
 Guarujá e Santos, e Copacabana
 Nos dez de galope na beira do mar.

Do ponto de vista da forma, temos uma bela novidade. Se, por um lado, à semelhança do estilo Martelo agalopado (por exemplo: no que diz respeito à quantidade de versos por estrofe (dez), e à estrutura da rima, percebemos tratar-se de versos mais cadenciados, mais melodiosos, graças à graciosidade da distribuição dos acentos das sílabas de cada verso. Aqui se lida com versos de onze sílabas (e não de dez como no Martelo agalopado). Além disso, os acentos, tomando como exemplo, o próprio verso “Nos dez do Galope, Na beira do mar”, incidem sobre a segunda, a quinta, a oitava e a décima primeira, do que resulta uma cadência especial, mais rítmica, mais agradável, como se, em vez de estrofe

de dez versos, fossem estrofes de cinco versos, com acentos na segunda e na quinta (tomados assim, como se fossem estrofes de cinco versos).

XLVII

ENGENHO DE PAU

Otacílio Batista e Oliveira de Panelas

Bastante evocativa, a figura do “engenho de pau”, no imaginário sertanejo. Componente cultural de enorme apreço popular, tão característico especialmente nas regiões de brejo, favoráveis ao cultivo da cana-de-açúcar.

Deslumbrante cenário, a partir mesmo do seu universo vocabular: “junta de bois”, “tangedor de bois”, “vara de ferrão”, “moendas”, “mexer rapadura na gamela”, “passadeira”, “meter bagaço na fornalha”, “garapa”, “tacho”, “melado”, entre outros.

Cenário protagonizado, não apenas por adultos. Adolescentes e mesmo crianças, não raro, têm algum papel nesse universo.

Em muitas áreas do Nordeste, o engenho de pau constituía um cenário familiar. Na região do brejo paraibano, como também em certas áreas do Pajeú pernambucano ou na região do Assaré cearense, o engenho de pau é um baú de recordações para tantas gerações.

Eis o cenário que inspira os Poetas Otacílio Batista e Oliveira de Panelas, a pintarem com cores tão vivas saudade do engenho de pau. Engenho que já não mói cana, pois agora “É a saudade moendo / Meu coração em tortura.”

Lembro o engenho de pau
Que meu avô possuía
E a beleza da fazenda
Quando no sertão chovia

Os repentistas, como se percebe, recorrem ao gênero das sextilhas, estrofes de seis versos, cada verso com sete sílabas, com rima alternada, a partir do segundo verso.

XVIII

A ESCRAVIDÃO CONTINUA (Sextilhas decassílabas)
Raimundo Caetano e Rogério Menezes

Ainda que associado a pontos já tratados, o foco das presentes estrofes recai sobretudo na questão do racismo, à brasileira, ou seja, mais camuflado, mais amaciado, e nem por isso menos efetivo, talvez até sendo mais cruel, justamente porque menos perceptível a olhos que se negam a ver...

A quem se disponha a enxergar, não vão faltar exemplos emblemáticos de manifestações macabras de racismo. É só olhar, por exemplo, as próprias estatísticas oficiais, no que respeita à proporção de brancos e negros, quando se faz perguntas do tipo:

- Dentre os trabalhadores e trabalhadoras desempregados, qual o percentual de brancos e o de negros?
- Considerando o segmento da população de jovens fora da escola ou de menor escolaridade, quantos são brancos e quantos são negros?
- Nos espaços empresariais, nos cargos de chefia governamental, no campo ministerial e de pastoreio das igrejas, qual o percentual de integrantes do segmento negro da população aí presente?

Discriminação agravada, quando se associa o preconceito específico contra os Negros, o que também se constata em relação aos Índios, às Mulheres e outros segmentos excluídos...

No período de cento e onze anos

O racismo é um fato que ´inda abala
 Só trocaram a senzala na favela
 Que é dez vezes pior do que a senzala
 Só mudaram de argola para algema
 Ontem era na peia, hoje é na bala

Foi ao Negro infeliz negada fala
 Explorado sem voz e sem respeito
 Recebeu uma carta de alforria
 Mas mudou pouca coisa o que foi feito
 Se os Humanos de fato fossem humanos
 Já teriam acabado o preconceito

(...)

Explorados no ciclo do café
 Da borracha, da cana e do minério
 Massacrado por todos os regimes
 Na Colônia, República e Império
 E um país que começa escravizando
 Tem motivos demais pra não dar certo

´Inda é vítima do jogo deletério
 De racistas e vis escravocratas
 Mesmo fora das grades da senzala
 Mesmo livre do couro das chibatas
 ´Inda é preso no tronco da miséria
 Sob o código fatal das leis ingratas.

(...)

Foram peças na mão de comprador
 Pelo menos vendidos já não são
 Arrumar um emprego é um milagre
 Ou um branco a querer lhe dar a mão

Canta o Poeta a saudade
 No clarão da Lua cheia
 Faz da viola um piano
 Da garganta uma sereia

O Poeta traz na veia
 Os segredos do além
 Quando canta de improviso
 Não pergunta de onde vem
 O Poeta e o passarinho
 Não sabem o valor que têm

O Poeta vive sem
 Ódio, maldade ou rancor
 ´Inda quando é traído
 Perdoa o seu traidor
 Canta alegre o passarinho
 Sublimes canções de amor

O Poeta e o beija-flor
 Ambos vivem sem ciúme
 O que canta, outro que voa
 Da planície ao alto cume
 Um faz versos perfumados
 Outro colhendo perfume

Na camada do verdume

O passarinho vegeta
 Não disse nem a metade
 Dessa dupla tão completa
 Do Poeta-ser humano
 E do passarinho-poeta

Eternos como a ciência
 Estrelas da Liberdade
 Peregrinos da inocência

Herdeiros da Providência
 Um no chão, outro voando
 Um pena com tanta pena
 Outro sem pena penando
 Um canta cheio de pena
 Outro sem pena cantando

O Poeta sofre tanto
 Quando vê um canarinho
 Nas grades de uma gaiola
 Sem direito ao seu ninho
 São irmãos no sentimento
 O Poeta e o passarinho

O Poeta afina o pinho
 Com o viveiro da garganta
 O passarinho e o Poeta
 Por entre as folhas da planta
 Sem viola, métrica e rima
 Só Deus sabe o que ele canta

Do Poeta a musa é santa
 Santa musa da Poesia
 Passarinho canta e voa
 No espaço rodopia

Faz ziguezague no corpo
 Brincando com a ventania

Ao romper de um novo dia
 O passarinho gorjeia

É preciso ser muito demagogo
 Pra dizer que acabou-se a escravidão

Eis um estilo relativamente menos frequente, dentre os mais exercitados nas cantorias de Repente. De fato, a Sextilha agalopada constitui, do ponto de vista da forma, uma combinação entre o estilo da Sextilha e o do Martelo Agalopado. Da primeira, conservam-se o número de versos e a estrutura da rima, enquanto do segundo, a quantidade de sílabas de cada verso (são versos de dez sílabas).

XLVI

O POETA E O PASSARINHO

Oliveira de Panelas e Otacílio Batista

Volta a ser destacado o Poeta e Repentista Otacílio Batista, contracenando com a figura amplamente conhecida e reconhecida de Oliveira de Panelas, esse pernambucano da mesma cidade em que também nasceu Gregório Bezerra, um poeta que também escrevia com sangue, suor e lágrimas, mas também com muita ternura.

Nas estrofes que seguem, Otacílio Batista e Oliveira de Panelas recorrem a uma bela analogia, destacando as múltiplas semelhanças entre o Poeta e o passarinho. E o fazem naturalmente com engenho e arte. É assim que, entre tantas afinidades, sublinham qualidades ou atributos como inteligência, “estrelas da liberdade”, “peregrinos da inocência”, entre outros. Curioso não menos é que, ao mesmo tempo, vão criando imagens belíssimas, como a que lamenta o fato de que “Um pena com tanta pena / E o outro sem pena penando”; mais adiante, os repentistas percebem o poeta e o passarinho como “irmãos no sentimento”; chamam também a atenção para o modo como cada qual afina sua voz; admiram o pássaro que “Faz zigue-zague no corpo / Brincando com a ventania”; “Um faz versos perfumados; o outro, colhendo perfume”...

O poeta e o passarinho
São ricos de inteligência
Simples como a natureza

As estrofes tomam a forma de sextilhas, compostas, como já foi antes comentado em outros casos semelhantes, de versos de sete sílabas, com rima em versos alternados, tomando-se como referência o primeiro verso.

XIX

LABUTA DE VAQUEIRO

Raimundo Caetano

A saga do vaqueiro volta à cena da memória. Desta vez, fala mais alto o sentimento de nostalgia. Importante notar que, para o acompanhamento melódico desses versos, seus autores forjaram uma melodia de rara combinação com o teor da letra. É como se neles tivesse “baixado” o espírito do vaqueiro a rememorar, com extrema saudade, sua marcante caminhada, com os mais dramáticos momentos e circunstâncias que incidem sobre sua trajetória.

Tão carregados sentimentos só poderiam desaguar numa fluência de imagens impactantes que os versos apresentam. Vale a pena, por exemplo, reparar na beleza poética desses versos:

(...)

Me deitava na montanha
 Pra descansar do trabalho
 Enquanto eu banhava o rosto
 O chão foi meu agasalho
 O vento increpava as folhas
 Uma folha em cada galho
 E a rês marcava o compasso
 Na pancada do chocalho

Mudam os cenários de referência, permanece a força poética das imagens. Nos próximos versos,

acentua-se o cuidado apaixonado do vaqueiro pelo gado, pela vida de cada rês, a cujo cuidado se entrega, de modo a trazer tão presente a imagem do “Bom Pastor”, aquele que é capaz de dar sua vida pelas ovelhas:

Já fiz rede de cipó
Pra levantar rês caída
Que separada do bando
Não vinha mais pra bebida
Na sombra do juazeiro
Dei-lhe água, dei-lhe comida
Numa luta contra a morte
Até salvar uma vida

Mastiguei folha de mato
Pela sede angustiado
Pra não deixar meu trabalho
Antes de ter terminado
Redobrava minhas forças
Com a essência do prado
E pra matar minha sede
Bastava o cheiro do gado

(...)

Me ausentei das boiadas
Mas ainda sinto o cheiro
Da essência do curral
Em que dorme o gado leiteiro
Precisando, ainda passo
Campeando o dia inteiro
Porque poeira de gado
Nunca fez medo a vaqueiro

O QUE TRAZ O POETA? (Sextilhas)

O que seria dos Poetas e Repentistas, não fosse o rico espectro do Universo, da Mãe-Natureza? Deles retiram sua matéria-prima: paisagens paradisíacas, a exuberância das matas e dos rios, o canto dos pássaros, a infinita riqueza do firmamento, o fascínio de uma barra do dia, a melancolia de um entardecer, a beleza de um luar sertanejo...

Em simples sextilhas, eis do que nos falam as seguintes sextilhas, cuja autoria não consegui identificar, de cantorias gravadas sem registro dos dados dos respectivos cantadores.

(...)

Poetas pra suas festas
Trazem violas sonoras
Os sapos que, debruçados
Nas janelas da aurora
Os passarinhos são maestros
Dos clubes verdes das floras

O Poeta traz pras horas
De sua apresentação
Terras e matéria-prima
Planeta e constelação

Astros que iluminam o céu
Vegetal que cobre o chão

Quanto à forma, há também algo instigante: o estilo das oitavas – estrofes compostas de oito versos setessilábicos, com acentos normalmente incidindo sobre a terceira e a sétima sílabas.

Com relação à rima, encontramos rimas cruzadas.

O gatilho disparou
Contra nossa economia
O Povo não merecia
Chegar aonde chegou
O Brasil do boia-fria
Até sem fundo ficou
Pagou mais do que devia
Deve mais do que pagou.

Com relação à estrutura das estrofes, estas vêm glosadas à base de estrofes de oito versos setessilábicos, com rima ABBACDDC.

galopante, a falta de perspectivas, p desespero, a descrença no quadro político...

Em outras estrofes, Otacílio rememora a fragilidade dos mecanismos de pretensa defesa dos interesses do Povo, a exemplo do mecanismo do “gatilho salarial”, que prometiam disparar, a depender do ritmo da corrosiva inflação. Outro ponto relevante da glosa do Poeta reside na força criativa dos últimos versos da última estrofe selecionada. Motes que constituem um verdadeiro mote, criado pelo Poeta Dirceu Rabelo, irmão do Prof. José Rabelo de Vasconcelos: “Paguei mais do que devia / Devo mais do que paguei”, um protesto inteligente contra o injusto e injustificado pagamento da maldita “dívida externa”, que melhor deveria ser chamada de “dívida eterna”...

Muda, Brasil, a tua imagem
Lembrando aquela passagem
Com a seguinte mensagem
Quem não trabalha não come
Salva a barriga do Povo
Antes que o Cruzado Novo
Mate a pobreza de fome

(...)

Brasil gigante sem sorte
Sujeito à lei do mais forte

Desde o Sul até o Norte
Do Oiapoque ao Chuí
No chão do Terceiro Mundo
Manobrado pelo Fundo
Lá do FMI

O MARIDO MANDADO PELA MULHER

Sebastião da Silva e Severino Feitosa

Seguindo a lógica do rosário de preconceitos cristalizados no imaginário popular, aqui se ilustra um tipo específico, relativo às relações de Gênero.

Tratamos de selecionar também essas estrofes, tomando-as como referência didática, com o propósito de questionamento. Como o exercício da Poesia Sertaneja tem um alcance também pedagógico, entendo oportuno jogar criticamente com pedaços de cantorias, cujo lúdico se alimenta de uma lógica preconceituosa, nas diferentes relações do cotidiano (aqui são frisadas as relações de Gênero, mas se deve estender a outros tipos de relações (etnia, geração, espacialidade, pessoas com deficiência, religiosidade...).

Numa cultura androcêntrica, parece inconcebível fazer-se outra leitura do papel caseiro que os homens podem – e, em determinadas circunstâncias, devem predominantemente – exercer. Nas estrofes, isto nem sempre vem às claras, mas as entrelinhas deixam perceber.

Mesmo no que diz respeito ao lado vicioso – o de moleque de recado -, os versos acentuam um estranhamento forte, como se fazer fofoca fosse coisa exclusiva de mulher.

(...)

Ele muito pouco sai

Apesar de ser casado
 Serve pra sua mulher
 Até pra levar recado
 E o que come é no cabresto
 Como um cavalo peado

(...)

Fica olhando o retrato
 De algum amor granfino
 Ela vai de festa em festa
 E ele tratando o menino
 Na casa de um macho desse
 Até galo canta fino

Tendo em vista comentários anteriores, essas estrofes não trazem novidade, quanto à forma. Trata-se de sextilhas comuns, portanto de estrofes com seis versos, cada um com sete sílabas, e com rimas cruzadas.

XLIV

MUDA BRASIL (Sextilhas)

Otacílio Batista

De vez em quando, volta à cena a expressão “Muda, Brasil!”. Uma ocasião bem propícia deu-se durante o período eleitoral de 1986, que elegeu os futuros componentes do que deveria ser a Assembleia Nacional Constituinte, que terminou sendo uma eleição para um Congresso Constituinte.

Naquela ocasião, alguns setores da sociedade civil empregavam a expressão “Muda, Brasil” inclusive para pleitear a realização de uma verdadeira Assembleia Constituinte, que ousasse representar – como acontece a um Congresso Constituinte – apenas candidatos partidários, mas também uma pluralidade de segmentos outros que compõem a sociedade civil: movimentos sociais, ONGs, organizações históricas como as centrais sindicais, a OAB, a ABI, a CNBB, o CONIC, a CNBB, entre outros, Falaram mais alto os interesses partidários, fazendo ouvindo moucos ao pleito e ao sentido mais efetivo da expressão “Muda, Brasil”.

As estrofes do grande Repentista Otacílio Batista, tantos anos depois daquela época, volta à cena do nosso cotidiano, a ressoar a utópica

teimosia de nossa Gente. As estrofes remontam à crise do período do chamado “Cruzeiro Novo”. O Poeta bem reflete a dramaticidade daquela época – o sofrimento da pobreza, o desemprego, o arrocho salarial, a inflação

XXI

FESTEJANDO O SÃO JOÃO

(“Nesse Brasil de caboco De Mãe Preta e Pai João)

Zé Viola e Moacir Laurentino

No imaginário popular nordestino, a todas as outras supera a festa de São João. Não apenas o campo, também as pequenas cidades e mesmo os bairros de grandes centros urbanos são tomados por um sentimento telúrico, de volta às raízes sertanejas.

Tal é força desse imaginário popular, que dificilmente o envolvimento e a participação das pessoas da região se restringem aos dias-chave (São Antônio: 13 de junho; São João: 24 de junho; e São Pedro: 29 de junho). Em verdade, não raro, se dedica todo o mês de junho a essas festas, não por acaso também conhecidas como “festas juninas”.

A região e seu povo se sentem impregnados do respectivo clima: a vegetação de um intenso verde, as águas que caem e que correm, abundantes, a temperatura amena, os animais em festa... E o que dizer das Gentes do Sertão? Expressam uma explosão de festa e de alegria, alimentadas pela culinária, pela dança típica, pelas ruas enfeitadas, pela fogueira, pelos folguedos, pelas disputadas quadrilhas, pelo forró de pé-de-serra, pela indumentária especial, pela religiosidade à flor da pele... É São João!

Nas estrofes que seguem, também se respira esse clima:

Daqui pra terra agresteira

Eu mesmo é que testemunho
 Quando chega o mês de junho
 Tem folguedo e brincadeira
 Tem a noite da fogueira
 Pra servir de diversão
 Tudo é forró no Sertão
 E estremece o Planeta
**Nesse Brasil de Caboclo
 De Mãe Preta e Pai João**

Mês de junho é verdadeiro
 A fogueira estou olhando
 Tem muita gente dançando
 Eu também vou pro terreiro
 Quando vejo o sanfoneiro
 Com a sanfona na mão
 Eu pinoto no salão
 Rodo que nem carrapeta
**Nesse Brasil de Caboclo
 De Mãe Preta e Pai João**

(...)

Essa é a terra minha
 Onde eu não sou vassalo
 Tem a corrida de galo
 E o jogo da argolinha
 Tem brinquedo de vizinha
 Anel passando na mão
 Tem poema e tem canção
 Pra criticar não se meta
**Nesse Brasil de Caboclo
 De Mãe Preta e Pai João**

De um canário sem gaiola
**Meio século de viola
 Não é brincadeira não.**

Para nos contar alguns traços de seu longo e produtivo percurso, Otacílio Batista serviu-se das estrofes de dez versos setessilábicos, glosados a partir do mote “Meio século de viola / Não é brincadeira, não”. Quanto ao tipo de rima, acosta-se ao padrão ABBAACDDC.

Não é brincadeira não

No começo de quarenta
 No dia seis de janeiro
 Fiz meu repente primeiro
 De anos já faz cinquenta
 A viola me sustenta
 Deus é mais do que patrão
 Jogou em meu coração
 Do céu a bendita esmola
Meio século de viola
Não é brincadeira não

Lourival, o mais fecundo
 Repentista da trindade
 Dimas já virou saudade
 Sem saudade desse mundo
 De Severino e Raimundo
 Eu canto a recordação
 Nas asas da inspiração
 Meu pensamento decola
Meio século de viola
Não é brincadeira não

Foi sorte nascer com sorte
 E viver sempre cantando
 Pelo Brasil espalhando

Poesia de Sul a Norte
 Canto até depois da morte
 O que não cantei no chão
 Sou livre como a canção

Como se percebe, são estrofes de dez versos setessilábicos, sendo que os dois últimos versos correspondem ao mote (presente, pois, em todas as estrofes). No que diz respeito ao tipo de rima, as estrofes assemelham-se à estrutura do Martelo Agalopado, dele diferindo apenas no final, visto que as estrofes ora comentadas apresentam a estrutura ABBAACCDEC.

XLIII

**MEIO SÉCULO DE VIOLA
NÃO É BRINCADEIRA NÃO**

Otacílio Batista

Evocar os irmãos Batista (Otacílio, Dimas e Lourival) tem sido algo muito mais freqüente do que se pode imaginar. Ícones do Repente, em todos os recantos do Brasil.

Não conto as vezes em que, ora da parte do Prof. Aleixo Leite Filho, ora parte do Prof. José Rabelo de Vasconcelos, ambos colegas meus, por vários anos, na Faculdade de Arcoverde (com Aleixo, também, na Faculdade de Filosofia de Caruaru), escutava histórias desses Repentistas exponenciais, em suas proezas em parceria com outros ícones, como Pinto de Monteiro, para citar um só exemplo.

Nas estrofes que seguem, cabe ao sobrevivente da trindade a tarefa de evocar um pouco de suas proezas.

Sou do Pajeú das Flores
 Rama do mesmo jardim
 Cidade de Itapetim
 Dos três irmãos cantadores
 Lá eu cantei meus amores
 Na noite de São João
 No tempo que no sertão

Quem mandava era a pistola
Meio século de viola

Na cama com água fria
E eu pensava que havia
Acordei não tinha nada
E eu pensando que havia
Quando eu ia ela voltava
Quando eu voltava ela ia

Eu saí de madrugada
Pra cortar capim de planta
Topei uma salamanta
De travessa na estrada
Eu lhe dei uma pancada
Pra ver sela não corria
Mas quando a vara batia
Era um bote que ela dava
Quando eu ia ela voltava
Quando eu voltava ela ia

(...)

Sempre a sorte vem e se vinga
Nada vale a vida nossa
Gastei muito tempo na roça
No serrote e na caatinga
Mas se avistava uma vinga
De melão ou melancia
Tirava a folha e comia
De noite o ladrão roubava
Quando eu vinha ela voltava
Quando eu voltava ela ia

(...)

Esse gênero apresenta uma estrutura de estrofes formadas de dez versos setessilábicos. Quanto à rima, esta reedita o já conhecido padrão ABBAACCCDDC.

XXII

VOCÊ É O GOLIAS DO REPENTE MAS EU SOU UM DAVI PRA LHE VENCER

O mote que anima essas estrofes, vê-se de entrada, nos remete ao estilo Peleja ou Desafio, no qual pontifica a arte do insulto ou da provocação recíproca, a desafiar os brios dos contendores.

Embora se trate de uma opção muito freqüente nas cantorias, e com ela as duplas já se sintam familiarizadas, vez por outra, provoca um certo constrangimento ter que duelar com o companheiro. Tanto mais pelo fato de que os contendores não têm muita saída: de um lado, não podem fazer “corpo mole”, já que estariam sob a pressão do público; por outro, não se sentem tão motivados em “massacrar” o companheiro, até porque tal risco vale para ambos da dupla.

Eis por que alguns tratam de encontrar um meio termo, partindo até de estratégias previamente montadas, ainda que apenas parcialmente, já que, em se tratando de improviso, o cuidado é redobrado, para não parecer cair no ridicularizado e combatido “balaio”, expressão pejorativa por alguns utilizada para designar estrofes pré-fabricadas, ainda que dando a entender resultar de algo improvisado.

Em todo caso, a ordem é recorrer à imaginação e à força das expressões.

(...)

Sou valente igualmente a Lampião
Eu já tenho o rifle e a peixeira

O cangaço é também minha trincheira
 Um punhal pra botar em cada mão
 Tenho algema que prende o campeão
 Eu sou nuvem que passa pra chover
 Eu sou fogo para lhe derreter
 Quer provar? Dê um pulo em minha frente
Você é o Golias do repente
Mas eu sou um Davi pra lhe vencer

Minha carga de rima é tão pesada
 Seja ouro no claro ou lá nas trevas
 O poeta peleja, mas não leva
 Que é preciso passar nesta lombada
 Meu repente vale uma tonelada
 E quando eu parto cantando, é pra valer
 Faço até repentista esmorecer
 Se queixar de cansado ou de doente
Você é um Golias do repente
Mas eu sou um Davi pra lhe vencer

(...)

Para mim você é só um garrote
 Pra você eu já sou mais do que touro
 És um louco tombando em bebedouro
 Eu sou gênio mostrando os meus dotes
 Tenho pernas pra dar o meu pinote
 Em você faltam pernas pra correr
 O meu rio agora vai encher
 Você vai se afogar na minha enchente
Você é um Golias no repente
Mas eu sou um Davi pra lhe vencer

XLII

QUANDO EU IA ELA VOLTAVA QUANDO EU VOLTAVA ELA IA

Um festival no festival: assim é me soa essa
 sucessão de gêneros, com ricas imagens poéticas, a
 desfilar por um festival de cantadores e repentistas.

No caso deste gênero, o desafio dos poetas e
 repentistas é articular, sempre de forma imaginativa, o
 sentido dos versos, mantendo sua respectiva forma e sem
 perder a beleza da construção de cada verso.

Aqui tem lugar o exercício da arte dos trocadilhos.

(...)

Com uma tal de Maristela
 Eu arrumei um xodó
 Entrei bebo no forró
 Pra dançar bebo com ela
 Me agarrei no corpo dela
 Quando rodava eu pendia
 Se eu pensava que caía
 E a negra me segurava
 Quando eu ela voltava
 Quando eu voltava ela ia

(...)

Sonho que não vale nada

Que nunca realizei
 Sonhei com a namorada
 Acordei, 'stava banhada

São, de resto, estrofes de dez versos decassílabos, forjados ao modo do Martelo Agalopado, e, portanto, com versos acentuados na terceira, na sexta e na décima sílabas, dentro da conhecida estrutura de rima ABBAACDDC.

De conhecer seu lugar

- Tinha graça eu apanhar
De um poeta inconsciente
- Você vai se ajoelhar
E soluçar na minha frente
- Na viola eu sou seu pai
Esse besta aonde vai
Vai fazer vergonha à gente

- Esse aí é a serpente
Que traiu Eva e Adão
- E você é a semente
Do fruto da perdição
- Esse bicho é tão ruim
Tem o gênio de Caim
Que assassinou o irmão

A forma do “Mourão” traz pouca novidade. São estrofes de sete versos, cada verso com sete sílabas, e estruturados, quanto à rima, ao modo ABCBDDDB.

Primeiro Cantador: Chegou a oportunidade
De se cantar um mourão
Segundo Cantador: Eu já estava com vontade
Vamos entrar na questão
Primeiro Cantador: Um tem que sair correndo
E o Povo ficar sabendo
Quem é o mais valentão

- Meu chicote está na mão
Pra dar surra em cabra ruim
- Mude a sua opinião
Que talvez não seja assim
- Bote pipa em sua barca
Cantador de sua marca
Tem de ser sujeito a mim
- Dou uma surra em cabra ruim
Que até o Diabo tem dó
- Mas você não em mim
Que eu quebro seu catimbó
- Sua cara é rabugenta
Vou pegar a sua venta
Boto no seu mocotó

(...)

- É muito fácil dizer
Só é difícil provar
- Então você vai saber
Que a peia vai manobrar
- Vou lhe tirar da cidade
Pois você já tem idade

XXIII

SE VOCÊ CANTAR RUIM, VOLTA DE PÉ NO MEU CARRO NÃO ENTRA DERROTADO

Ismael Pereira e Zé Cardoso

Eis um mote que consideramos adequado à situação de uma peleja, na medida em que não induz a qualquer das partes da dupla a extremar-se no “ataque” ao companheiro. O mote, tal como aqui proposto, soa suave, sem prejuízo do seu potencial cômico.

Na penúltima estrofe, por exemplo, podemos observar como um tal mote pode prestar-se a uma boa glosa, resultando um saudável clima de gozação recíproca: “Ao invés de chegar com o Moacir / Pra cantar onde fora convidado / Bastião afinado do meu lado / Por moleza, eu peguei esse Mané / Se você cantar ruim, volta de pé / No meu carro não entra derrotado”.

(...)

Se você me fizer decepção
No baião, no repente, na toada
Nunca queira esperar-me na estrada
Esperando que eu seja seu irmão
É perdido esperar que eu dê a mão
O que faço é olhar pro outro lado
Se eu vier devagar, passo embalado
Faz de conta que olhei, mas não dei fé
Se você cantar ruim, volta de pé
No meu carro não senta derrotado
É preciso que cante e honre o tom
E espere o repente quando vem

Olhe para a plateia e cante bem
 Para o Povo escutar da voz o som
 Se errar, eu não levo Fenelon
 Cantador pelo Povo respeitado
 Como vou dar carona pra um pelado
 Sem cultura e pequeno igual a Zé
Se você cantar ruim, volta de pé
No meu carro não entra derrotado

Hoje aqui eu cheguei pra decidir
 No Congresso maior do meu Nordeste
 Que cantando, eu também passei no teste
 Que eu sei bem lutar pra não cair
 Ao invés de chegar com o Moacir
 Pra cantar onde fora convidado
 Bastião afinado do meu lado
 Por moleza, eu peguei esse Mané
Se você cantar ruim, volta de pé
No meu carro não entra derrotado

Já cansei de dizer a esse animal
 Cante bem, honre o Povo que lhe escuta
 Que é pra nós bem vencer essa disputa
 Pra ganhar o troféu do Festival
 Se repente fizer, não faça mal
 Que é ruim se sair de pé quebrado
 Pra ganhar o cachê, é redobrado
 Ivanildo não dá nenhum café
Se você cantar ruim, volta de pé
No meu carro não entra derrotado

No mais, quanto à forma, as estrofes em apreço não apresentam novidade: acham-se formatadas no modelo do Martelo Agalopado.

XLI

CANTAR MOURÃO

Dentre os variados gêneros do Repente, é este o que me reporta à figura do Prof. José Rabelo de Vasconcelos, grande especialista e incentivador da Arte do Repente. Aliás, também um exímio Poeta.

Revisitar esse gênero traz-me a ideia de estar diante de Rabelo, a escutá-lo, empolgadíssimo, a justificar seu fascínio pela Arte do Repente. E o fazia, recorrendo a páginas antológicas, inclusive desse gênero. “O Mourão é fascinante!” – dizia-me. E prosseguia sua fala, justificando com argumentos convincentes e recheado de boas metáforas, com o entusiasmo que lhe era tão característico, que, no Mourão, o primeiro repentista finca a primeira estaca: são os dois primeiros versos, que desencadeiam, como se fossem expressão da tese hegeliana. Vem o segundo cantador, e finca a segunda estaca, isto é, os dois versos seguintes, que funcionam como uma espécie da antítese hegeliana. E, por último, cabe ao primeiro cantador “fechar” o mourão construindo a porteira, como numa síntese. Que imagem, a de Rabelo!

A título de uma recordação-homenagem à figura do Prof. José Rabelo de Vasconcelos, houve por bem selecionar as seguintes estrofes.

Nelas, o primeiro cantador, ao propor um duelo, e, já na próxima estrofe, começa a anunciar a pretensa surra, dizendo-se “de chicote na mão”...

Dou cercado em selão
 Dou selão em cercado
 Assim é mourão voltado
 Assim é voltar mourão

(...)

A estrutura do “Mourão voltado” reside em estrofes de versos setessilábicos, dos quais os últimos dois são dados como mote. Todos obedecem a uma estrutura de rima à base do ABBAACDDC.

XXIV

MEU CARROSSEL DE ILUSÃO DEU DEFEITO E PAROU

Sebastião Dias e Valdir Teles

Múltiplas são as cenas do cotidiano que os motes trazem aos Poetas, para sua glosa instantânea, a demandar-lhes refinada sensibilidade à variada e complexa rede dos fios do dia a dia, apresentando as situações mais desafiadoras: momentos de festa, de tristeza, de luto, de saudade, de cenas ligadas à idade, a gênero, a espacialidade, a etnia, ao sagrado, à natureza etc., etc.

No caso, é trazido à dupla de Poetas o desafiante tema da desilusão com que o ser humano se depara. A imagem encontrada e proposta pelo mote aos Poetas os remete à vida como um carrossel. Mais especificamente, um carrossel em movimento, travado por uma pane.

Desilusões há de vários tipos e por razões inumeráveis. No caso, os Poetas se reportam à corriqueira desilusão amorosa. Desencontro no namoro ou no casamento, em que basta o dissenso de um, e a relação se desfaz, abruptamente ou não.

(...)

A sorte deu-me um castigo
 Nessa hora de tortura
 Findei quebrando uma jura
 Mesmo dela sendo amigo
 Pedi pra ela ir comigo
 Mas ela não aceitou

Eu fui, mas ela ficou
 Eu rodei, mas ela não
Meu carrossel de ilusão
Deu um defeito e parou

Eu queria aquela imagem
 Desse carrossel comigo
 Pra ficar no mesmo abrigo
 Recebendo a mesma aragem
 Tendo a mesma mensagem
 Ela tudo transformou
 Ela partiu e levou
 Meu sofrido coração
Meu carrossel de ilusão
Deu um defeito e parou

(...)

Eu que já estava doente
 De tanto sentir saudade
 Lhe pedi por caridade
 Pra ficar no ambiente
 Ela disse: “Eu vou na frente”
 Eu disse: “Depois eu vou”
 Aí ela viajou
 Não mandou nenhum cartão
Meu carrossel de ilusão
Deu um defeito e parou

No que tange à forma da poesia, apesar da clara semelhança com o formato Martelo Agalopado, dele se distinguem essas estrofes, quanto ao número de sílabas dos versos: trata-se de estrofes formadas de versos setessilábicos.

XL

MOURÃO VOLTADO

“Mourão voltado”: outro gênero apreciado nas cantorias. Da forma trataremos adiante. Quanto ao conteúdo, ainda que não seja dos gêneros que melhor se prestem à criação de imagens, percebe-se que, vez por outra, isso também acontece. No jogo de inversões de palavras, o Poeta também pode recorrer a belas imagens. Vamos conferir o trocadilho instantâneo.

Dou o quente pelo frio
 Dou o frio pelo quente
 Dou o rio pela enchente
 Dou a enchente no rio
 Dou batelão em navio
 Dou navio em batelão
 Empregado em patrão
 O patrão em empregado
 Assim é mourão voltado
 Assim é voltar mourão

(...)

Dou a brasa na centelha
 Dou a centelha na brasa
 Dou a telha pela casa

Dou a casa pela telha
 Dou zangão pela abelha
 Dou abelha por zangão

A SELEÇÃO BRASILEIRA (SEXTILHAS)

Ivanildo Vila Nova e Geraldo Amâncio

É freqüente ouvir-se dizer que todo brasileiro se pretende um técnico de futebol. Os Poetas e Repentistas não poderiam ficar de fora. O futebol é coisa séria demais para que dele apenas se ocupem os técnicos. É claro que, de vez em quando, há muita besteira dita por torcedores. Às vezes, também os técnicos dizem as suas. Mas, também é verdade que há torcedores com um admirável potencial de conhecimento do futebol, seja na parte técnica, seja na avaliação das condições táticas, na parte física e até na parte disciplinar.

Nas estrofes que seguem, os Poetas dão um “show” na análise crítica do desempenho da seleção brasileira. Quantas presságios já não se anunciaram de outras vezes, e vão ser ainda anunciados...

Já à época em que as estrofes foram glosadas, em que pese o exagerado floreio da imprensa em relação a determinados jogadores que caem em suas graças – caso típico de Ronaldo, hoje no Coríntios, em relação a quem a imprensa global se comporta como a enfeitar o pavão -, os autores se mostram bastante lúcidos, ao criticarem estrelas em declínios, apenas sustentados graças à sua fama...

(...)

Ronaldinho vai voltar
E falta como desafio

Só escapa pela fama
 Na jogada, eu não confio
 Sou mais Romário aleijado
 Do que Ronaldo sadio

(...)

O torcedor do País
 Não tem muita confiança
 Os treinos são muito poucos
 E a seleção não avança
 Vai fazer é palhaçada
 Do mesmo jeito na França

De relevante, quanto à forma das sextilhas, cumpre notar o uso de rimas ricas, incidindo na primeira estrofe, em que o autor da estrofe faz rimar um substantivo (“desafio”), com um verbo (“confio”) e com um adjetivo (“sadio”).

Além do estribilho (composto de três versos com sete sílabas, mais um quarto (o “fin-rin-fin-fin”). As estrofes seguem compostas por oito versos, sendo o primeiro e o quinto versos de quatro sílabas, enquanto os demais têm sete sílabas.

A rima segue o padrão ABBCDEEC.

Pior do que isso é a cruel recomendação que acenam ao tocadór: simplesmente mudar de profissão... Só que, ao fazerem isso, parecem cometer uma injustiça com o lavrador, deixando a entender tratar-se de um ofício de menos valia. Vamos conferir as estrofes.

Pertinho de lá de casa
Tem um sanfoneiro
Todo dia, o dia inteiro
É um firin-firin... firin-firin

Ele aprendeu
Uns quatro pés-de-galinha
E logo de manhãzinha
Começa a finrifunfar
É u'a munganga
Um remoído da molesta
Gemendo e franzindo a testa
Eita cara pra tocar
Ruim que só (4 vezes)

Zé, a cigana te enganou, José
Pega a enxada e o borná
Deixa a sanfona
Pra quem tem os dedos moles
Tu só sabe puxar fole
Pra ferreiro trabaia

(extraído da faixa 1 do CD intitulado "Maciel Melo.
Acelerando o coração")

JÁ FAZ DIAS QUE ESTOU DESCONFIADO JÁ ME CHAMAM DE PANO DE TOUREIRO

Nilo Pereira e Louro Branco

Entre caricatura e realidade, tem sido recorrente o tema da traição, normalmente tendo a mulher como a principal responsável. As estrofes que seguem constituem uma pequena amostra do desafio diante da tendência à culpabilização unilateral do polo feminino das relações de Gênero, quando se trata de expor questões sociais de reconhecida carga de negatividade. No caso, a da traição conjugal.

O "normal" é a aceitação incondicional da traição do homem, tomada como algo "natural", dada a uma suposta "necessidade" fisiológica masculina, não havendo motivo de estranhamento nem de reprovação aberta, quando isto se dá com o envolvimento do homem. Bem outra é a posição comum, quando é a mulher a responsável pela traição.

A escolha de estrofes desse tipo tem a ver com necessidade de se trazer à discussão, de modo didático, situações preconceituosas que fazem parte do cotidiano, de modo bem freqüente do que parece.

(...)

A mulher que eu botei no meu curral
Se casou para não dar muito valor
Ela gosta de beijo de doutor
Ou de beijo que vem de marginal

Quando sai, é levando mil real
 Quando vem, é trazendo algum dinheiro
 Eu não sei se é dinheiro de solteiro
 De viúvo ou de cabra amancebado
Já faz dias que estou desconfiado
Já me chamam de pano de toureiro

(...)

Ela é quente igualmente a Cláudia Raya
 Tem um corpo bonito de artista
 Gosta muito de artista e repentista
 Se tiver quem lhe coce a cambiscaia (?)
 Já se sabe seu nome: é Chico Maia
 Louro, Franco, da Vila feiticeiro
 Mas aí tem um cabra fofoqueiro
 Ta dizendo que o nome é Rei do Gado
Já faz dias que estou desconfiado
Já me chamam de pano de toureiro

(...)

Vou dizer: o meu jogo é muito aberto
 Se o macho chegar, tem ai, ai, ai
 Ela diz: "Meu marido, agora sai."
 Eu sou besta, e o cara é mais esperto
 E eu fico de longe, e ele perto
 Ele vai devagar, e eu ligeiro
 Ele fica na cama e no terreiro
 Eu espero no terreiro ele deitado
Já faz dias que estou desconfiado
Já me chamam de pano de toureiro

XXXIX

SANFONEIRO RUIM (Canção)

Maciel Melo

Humor, sátira e ironia são traços relevantes também no processo de produção da poesia. Constituem fortes marcas dos Poetas e dos Repentistas. As situações do cotidiano se acham, não raro, impregnadas de humor. Nelas se inspiram e delas se servem também os compositores, como é o caso do Poeta Maciel Melo.

No caso em apreço, trata-se da descrição de uma cena mais corriqueira do que se imagina. Se é verdade que de artistas, poetas e loucos temos um pouco, não menos certo é que isso não se dá de modo uniforme. Uns apresentam maior familiaridade com certas habilidades do que outros. Por outro lado, mesmo tendo reconhecidos pendores para certas artes, caso não se apliquem a exercitá-las, dificilmente vão lograr um lugar de destaque. Pode até ocorrer que outros, como bem menos possibilidades, por força de sua maior aplicação e autodisciplina, alcancem um lugar de reconhecimento. Pode, igualmente, ocorrer a alguns com pouco pendor artístico, que não conseguem afirmar-se, mesmo não lhes faltando vontade.

Este último parece ser o caso do tocador de sanfona, que se tornou alvo do gracejo do compositor... Os vizinhos se aborreciam dos ensaios pouco agradáveis do sanfoneiro. Queixavam-se de

sua performance esquisita ("É uma munganga / Um remoído da molesta / Gemendo e franzindo a testa"). Daí a gozação: "Eita cara pra tocar / Ruim que só!".

Do ponto de vista da forma, as estrofes selecionadas correspondem, uma vez mais, ao estilo “Martelo agalopado”, já comentado precedentemente.

São glórias do sertanejo
Que eu canto em quadrão mineiro

O quadrão mineiro compõe-se, como se percebe, de oito versos, cada um com sete sílabas, e apresenta um formato de rima à base do esquema AAABBCCB

O macaco é o vigia
 Lá no alto do coqueiro
 A cabra, o bode, o carneiro
 De pedra em pedra saltando
 Eu de fora admirando
 Cantando um quadrão mineiro

Quando a barra vem quebrando
 A brisa mansa soprando
 A passarada cantando
 Nos galhos do juazeiro
 O cação voa maneiro
 Pra comer milho na roça
 Pensa que é dono e se apossa
 E eu canto em quadrão mineiro

(...)

Um cão de caça acuado
 Um cavalo estropiado
 Um touro velho, cansado
 Deitado lá no terreiro
 Um bode pai de chiqueiro
 O dono dando ração
 São retratos do sertão
 Que eu canto em quadrão mineiro

Um paiol de algodão
 Um silo cheio de feijão

Uma negra num pilão
 Pilando milho e tempero
 Um cuscuz soltando o cheiro
 Um tacho cheio de queijo

XXVII

AS IGREJAS ABRIRAM UM CREDIÁRIO PRA VENDEREM JESUS A PRESTAÇÃO

José Galdino e Gilberto Alves

(Festival de Cantadores e Repentistas realizado em Pernambuco, em 2003, com final em Recife, após dois meses de disputas, realizadas em Ouricuri, Tabira, Arcoverde, Gravatá, Panelas, Palmares, Surubim e Nazaré da Mata)

O apelo ao Sagrado se acha inscrito no coração da Humanidade, ontem e hoje. Vez por outra, irrompe mais efusivamente, fato às vezes confundido com a “volta do Sagrado”.

Acompanhando o estilo e o ritmo da globalização capitalista, em sua atual face/fase, o Sagrado emerge em tons sedutores. A religião torna-se um imenso balcão de supermercado dos bens religiosos, a inebriar vastos públicos, principalmente graças à força do “marketing”, hoje praticado de modo cientificamente aprimorado.

Forjam-se novas “necessidades” de consumo religioso, a fazer despontar um numeroso público de consumidores, ávidos por satisfazer suas necessidades. Necessidades de todo tipo. O Sagrado, com todo o seu potencial de magia, surge a deslumbrar, a inebriar vastos “adoradores”, ou consumidores em sua avidez de imediatismo.

Num mercado ultra-especializado, encontram-se gêneros muito diversificados de produtos religiosos: dos orientais aos ocidentais, de diferentes procedências:

igrejas cristãs, com grande predomínio das expressões neopentecostais (inclusive de cunho católico romana), televangelismo, expressões não-cristãs, esotéricas, afro-indígenas etc.

As estrofes a seguir selecionadas atêm-se, especificamente, ao mercado religioso das igrejas cristãs, católicas e evangélicas.

Sua crítica reporta-se, especialmente, as suas astutas estratégias de persuasão, tomando como tática o apelo à prosperidade, do que resulta engenhosa estratégia de arrebanhamento interesseiro, visando ao incremento financeiro das atividades religiosas.

A expressão poética da crítica nos remete a outros tempos. À Idade Média, por exemplo, período durante o qual grassaram diversos movimentos de protesto. Época de intensa ebulição, não apenas pela irrupção dos chamados movimentos pauperísticos (“Os pobres de Lyon”), tais como: ao Cátaros, os Albitenses, os Valdenses, os “Fratricelli”, as Beguinhas, entre outros.

A similaridade da crítica aqui levantada nessas estrofes tem, porém, ainda mais a ver com a investida dos Goliardos, uma espécie de “Hippies” medievais, que tratavam de opor-se à ideologia eclesiástica, por meio da arte literária, dos seus famosos poemas, a exemplo dos “Carmina Burana”. Tal era a irreverência com que os Goliardos se levantavam contra os hierarcas medievais, que não hesitavam em compor poemas cujas melodias tomavam de empréstimo às que vigoravam no próprio hinário eclesiástico¹.

XXXVIII

125

QUADRÃO MINEIRO (Canção)

Como de hábito, deixemos para depois as considerações em torno da forma da canção. Cabe-nos, por enquanto, sublinhar a beleza da composição. A sensibilidade do autor (ou autores, já que nos escapou o dado relativo à autoria) aparece a olhos vistos. As imagens são muito felizes!

Sem maior esforço interpretativo, eis que nos aparece num quadro poético uma paisagem rústica de uma extraordinária beleza. Temos diante dos olhos a natureza em movimento: local apropriado, animais-ambiente, inclusive a contemplar os ovinos “De pedra em pedra saltando”...

Na estrofe seguinte, sublinha-se mais uma cena sertaneja, impregnada da ambiência característica: o “quebrar da barra”, o coral da passarada, a “temperar” a invasão do milharal pelos pássaros, a romperem qualquer norma privatista

Outros belos postais sertanejos vemos pintados nas estrofes seguintes: ora dando conta da diversidade de animais em movimento, ora a destacar cenas pitorescas do Sertão, como a do uso do pilão e as enfatizando os pratos saborosos da cozinha sertaneja como um cuscuz soltando cheiro e um tacho cheio de queijo...

No topo da serra
Salta a onça, o gato mia

¹ Uma excelente de parte dos poemas dos Goliardos foi traduzida pelo saudoso Prof. Dr. Maurice van Woensel. Carmina Burana. São Paulo: Ars Poética, 1994. Sobre outros movimentos medievais, há uma vasta literatura

que, em parte, trabalhamos em CALADO, A.J.F. **Memória Histórica e Movimentos Sociais na Idade Média**. João Pessoa: Idéia, 1999.

É esforço sem efeito
 E moça nova quando geme
 Ai, ai, ui, ui
 Não há médico que dê jeito

Pra gente gemer direito
 Tem que gemer com alguém
 E o rapaz velho, coitado
 Que amor ´inda não tem
 Fecha a porta e geme só
 Ai, ai, ui, ui
 Sem ajuda de ninguém

Tratar-se-ia de sextilhas convencionais, não fosse a introdução, entre o quinto e o sexto verso, da exclamação (“Ai, ai, ui, ui!”), que caracteriza o estilo “Gemedeira”. Sextilhas cuja rima se dá entre os versos alternados, tendo o segundo como referência para efeito de rima.

Nos dias atuais, o quadro religioso, em que pese a especificidade dos tempos de hoje, carrega marcas consideráveis daquela época: crescentes casos de corrupção dos dirigentes, pouca semelhança com as práticas do movimento de Jesus de Nazaré, situação semelhante à dos antigos chefes religiosos tão criticados pelos profetas e pelo próprio Jesus.

Vejam, pois, o teor da crítica formulada nas estrofes seguintes.

Para mim todo crente é sabedor
 Que as Igrejas têm sua artimanha
 Tem que dar dez por cento do que ganha
 Para encher a carteira do pastor
 Pra vender a Palavra do Senhor
 Sempre existe a maior negociação
 Quem se ilude com tal religião
 Bem que pode findar justo ao contrário
**As igrejas abriam um crediário
 Pra vender Jesus Cristo a prestação**

Jesus Cristo está sendo vendido
 Em crucifixo, rosários e bandeja
 Pelos membros que fazem sua igreja
 Nenhum deles chorou arrependido
 Mas Jesus lá no céu ´stá ofendido
 Vendo a grande e total corrupção
 Pois os padres, as freiras, sacristão
 Todo mês pedem aumento de salário
**As igrejas abriam um crediário
 Pra vender Jesus Cristo a prestação**

Do ponto de vista da forma, as estrofes retomam o estilo das décimas, já comentado anteriormente, em seu padrão de métrica e em seu paradigma de rima.

XXXVII

GEMEDEIRA (Sextilhas)

A inclusão dessas estrofes tem mais a ver com o propósito de trazer à baila um novo estilo – “Gemedeira” – do que com o critério de qualidade propriamente dito. Com efeito, ainda não havíamos dado exemplo desse estilo que, vez por outra, se faz presente nas cantorias de poetas e repentistas.

Com relação, porém, ao tema específico glosado pelos parceiros da cantoria, deparamos com algo que nos remete, de algum modo, à conhecida canção executada por Luiz Gonzaga, a partir dos sinais emitidos pelo “Mandacaru quando fulora na seca”, que tematiza o drama afetivo da adolescente, especialmente em se tratando de jovenzinhas do meio rural da época da canção.

Nessas circunstâncias de espaço e de tempo, percebe-se que a passagem da puberdade para a adolescência é motivo de drama familiar, dada a carga de preconceito dominante.

As estrofes tratam de fazer um paralelo jocoso entre a experiência afetiva, tal como vivida entre uma jovem e uma pessoa de outra idade.

Vejam a mensagem que nos passam seus autores.

Tem muita moça gemendo
Mordendo os panos do leito

Mas moça velha gemendo

Só um tipo macabro como o seu
 Não entende quem sou, e põe defeito
Você hoje me paga o que tem feito
Com poetas mais fracos do que eu

Cantador linguarudo e atrevido
 Você entra, mas perde em meu terreno
 Eu vou dar-lhe uma dose de veneno
 E um xarope de chumbo derretido
 Minha mão vai quebrar seu pé do ouvido
 Com a força que tem no braço meu
 Pra você conhecer o lugar seu
 Cabra ruim, sem futuro e sem respeito
Você hoje me paga o que tem feito
Com poetas mais fracos do que eu.

(; ; ;)

No embalo da nossa profissão
 Tenho sido um poeta renomado
 Pelo povo ´stou sendo consagrado
 Um gigante da nova geração
 Ninguém acha motivo e nem razão
 Pra, cantando, apagar meu apogeu
 Mesmo tendo a coragem de Teseu
 Sua força pra mim é sem efeito

Você hoje me paga o que tem feito
Com poetas mais fracos do que eu

Sem novidade, em relação à construção formal das estrofes. Seguem o estilo do “Martelo agalopado”, já comentado antes, quanto à métrica e quanto à rima.

XXVIII

FESTIVAL DE DECOREBA (Sextilhas)

Josival Viana e Daniel Olímpio

Já nos referimos, na introdução a esta coletânea, à necessária distinção entre o Cordel e o Repente. Enquanto no primeiro, o Poeta dispõe de todo o tempo para ir compondo seus versos = tempo que lhe permite alterar à vontade (ora substituindo palavras, ora suprimindo outras, ora fazendo acréscimos etc.), no caso do Repentista, isto não lhe é dado.

O Repentista, como se sabe, tem que glosar **instantaneamente!** É este, aliás, o sentido do próprio nome “Repente”. E não se trata de glosar de qualquer jeito. Tem que fazê-lo, seguindo as regras ditadas pela natureza do mote: gênero, métrica e rima, além da parte conteudística, que, por si só, representa um enorme desafio, sobretudo pelo fato da completa ausência de tempo para pensar, para planejar, para hierarquizar suas ideias, da necessária observância da forma.

Antes mesmo de conferir isto, assistindo ao vivo, vários festivais de Cantadores e Repentistas, tive a oportunidade de ouvir, em várias ocasiões, ora do Prof. José Rabelo de Vasconcelos, ora do Prof. Aleixo Leite Filho – grandes entusiastas do Repente, além de grandes Poetas – justas e merecidas referências elogiosas à Arte do Repente. Eles faziam questão de advertir bem quanto ao desprezo cultivado entre os Repentistas por alguns colegas que, nas cantorias, incluíam “balaio” (assim

chamavam as artimanhas de alguns cantadores “espertos” que teimavam em passar como versos improvisados, estrofes ou versos previamente construídos.

A despeito por vezes da sobrecarga na ênfase da autodefesa – por razões também compreensíveis – as justificativas apresentadas em favor da autenticidade do Repente, e contra os truques que o maculam, são bastante pertinentes: o evidente descompromisso ético, dada a infração aos códigos do Repente; a maior complexidade do processo de criação; os versos de improviso provocam mais emoção, entre outros.

Nas estrofes que selecionamos e que seguem, é também esta a expressão da fúria dos Repentistas contra quem desrespeita o caráter maior do Repente: a arte do improviso. Vejamos.

(...)

Ele pode ser profundo
Mas pra mim é um problema
Ele escreve uma sextilha
E depois decora o tema
Pra mim é do mesmo gênero
De se cantar um poema

Um festival de poemas
A platéia não adora
Festival é esse nosso
Com versos feitos na hora
O juízo fabricando
E a boca jogando fora

O cantador que decora
Pra cantar pra multidão

VOCÊ HOJE ME PAGA O QUE TEM FEITO COM POETAS MAIS FRACOS DO QUE EU

Mais uma peleja vem a lume. O mote provocativo comporta uma ameaça de vingança. Vale, claro, para os dois lados. O pretexto é a pretensa defesa de um colega humilhado, em ocasião passada.

O primeiro parceiro já arranca empavonado, a clamar todos os seus supostos predicados, com o objetivo de tolher a autoestima do concorrente. Desfila, então, seu percurso de repentista experimentado, reconhecido pelos altos escalões da arte, já que teria atingido o ápice, “Como vate, poeta e repentista”.

Sucede que “Quem diz o quer, ouve o que não quer”. O parceiro responde pesado à provocação inicial: além de chamá-lo de “Cantador linguarudo e atrevido”, promete tratá-lo “com xarope de chumbo derretido”...

Na estrofe final, um dos concorrentes evoca, no embate, a figura de Teseu, o herói de Creta que teria derrotado o Minotauro, no labirinto aterrador, ao qual teve acesso por meio do fio desenrolado desde o novelo de lã, desde a porta do labirinto, sob a guarda de Ariadne...

Mas, ouçamos os poetas contendores:

Nesta arte cheguei ao alto nível
Como vate, poeta e repentista
E com isto cheguei à alta crista
Como artista de forma incorrigível
Cantador me vencer é impossível
Porque Cristo não toma o que Ele deu

E terminada a campanha
 Faturada a eleição
 Foda-se povo, piston
 Foda-se caminhão
 Promessa, meta, programa
 É só mergulhar na Brahma
 E curtir a posição...

Além do perfeito quadro eleitoral pintado pelo Autor, convém assinalar também a beleza de sua forma. Afora as duas primeiras linhas – que servem como uma espécie de título -, as estrofes compõem-se de sete versos setessilábicos, cuja rima se faz no padrão ABCBDDB.

Com certeza ele não tem
 A divina inspiração
 E o Repente decorado
 Também não tem emoção

(...)

Pra mim não prestam os produtos
 Que alguém canta em decoro
 Se alguém canta decorado
 Pra mim não ganha tesouro
 E o Repente de improviso
 Bem vale um quilo de ouro.

O festival de decoro
 Não está no meu alcance
 Eu mesmo alguém querendo dar
 Eu não quero essa chance
 Eu só gosto do improviso
 Eu não sei cantar romance

Não há novidade, em relação à forma apresentada. São sextilhas simples, gênero já comentado anteriormente.

Meia dúzia de corruptos
 Cinco putas
 Uns oito capangas brutos
 E acunhar na promessa
 E a pisadinha é essa
 Três promessas por minuto

Anunciar a chegada
 Do corrupto ganhador
 Pedir o “V” da vitória
 Do dedo dos eleitor
 E mandar que os “vira-latas”
 Do bojo da passeata
 Tragam o home no andor

Protegendo o “monossílabo”
 De dedada ou beliscão
 A cavalo, na cacunda
 Chega o dono da eleição
 Faz boca de “fechecler”
 E nesse querequequer
 Vez por outra um foguetão

Com voz de vento encanado
 Com os vivas dos babão
 É só dizer que é mentira
 Sua fama de ladrão

Falar do roubo dos home
 Prometer o fim da fome
 E tá ganha a eleição

concorrentes – também estas controladoras de parte dos veículos da mídia. O resultado é que denúncias estouram de todos os lados...

Para se fazer um comício
Em tempo de eleição

Não carece de arroteio
Nem dinheiro muito, não
Basta um F-4 mil
Ou qualquer meio caminhão
Instalar em beco estreito
Um bandeirado malfeito
Cruzando dez posição

Um locutor tabacudo
De converseiro comprido
Uns alto-falantes roucos
Espalhando o alarido
Microfone com a flanela
Ou vermelha ou amarela
Conforme a cor do Partido

Uma gambiarra velha
Banguela no acender
Quatro faixas de bramante
Escritas... qualquer dizer
Dois pistões e um taró
Pode até ficar melhor
Com uma torcida pra torcer

Aí é subir pra riba

XXIX

CAI A TARDE, MORRE O DIA
(Canção)

Que refinada sensibilidade! Quanta poesia, nessas estrofes! Regozijamo-nos com as múltiplas potencialidades dos Poetas Sertanejos, seja em sua produção instantânea, seja em sua elaboração não-instantânea, desde que, ambas, impregnadas de imagens poéticas, como é bem o caso da canção que segue, e cuja autoria não consegui identificar.

A composição refaz poeticamente a trajetória do cotidiano do jangadeiro nordestino, enfatizando sua relação com a jangada e seus rústicos equipamentos, com o remo, com o mar, com as ondas, com os astros, com o Sol, com o “vento praiano”, com o “cair da tarde”, com o nascer da Lua, com a areia prateada...

Cada estrofe tem sua densidade singular. Eis o que se dá, por exemplo, naquela em que o Poeta se sente deslumbrado com a bela interação dos elementos da Natureza: “É contagiante o sopro/ Que o vento praiano traz / Cochichando aos coqueirais / Num leve balbuciar / Deixando todo lugar / A praia aromatizada / Nasce a Lua prateada / Clareando à beira-mar”.

Mais do que destacar uma estrofe, importa atentar para a beleza impactante das imagens, em sua genialidade poética, presentes nas estrofes, entre as quais vale a pena sublinhar algumas. Começemos pelo estribilho: “Nasce a Lua prateando / Clareando à beira-mar”. Já segunda estrofe, encontramos: “Na cova azul do poente / Depois do Sol se enterrar”. Na terceira estrofe,

encontramos: “Quando é de tardezinha / O vento rasga a procela”.

Não menos primorosas são as imagens de outras estrofes. Ao referir-se, na quarta estrofe, aos encantos do “do sopro do vento praiano”, o Autor poetiza: “Cochichando aos coqueirais / Num leve balbuciar / Deixando todo lugar / A praia aromatizada”. Já na sexta estrofe, ao contemplar o movimento do mar revolto, lhe vem a seguinte imagem, em que o mar: “Estremece, não estanca / Um cordão de espuma branca / Fica na onda a bailar / Faz desenho e faz colar”.

Tão belas são igualmente as imagens que o Autor concebe nas últimas estrofes selecionadas, que preferimos que os leitores, as leitoras o confirmem, no contexto das mesmas, a se deliciarem com imagens como “As jangadas cambaleiam sobre as ondas violentas / As gaivotas pardacentas são acrobatas no ar”...

**Cai a tarde, morre o dia
Vai o Sol, vem a jangada
Nasce a Lua prateada
Clareando à beira-mar**

Eu fico ao cair da tarde
Na terra do jangadeiro
Vendo esse herói brasileiro
Que não cansa de remar
Olhando a onda quebrar
Sobre a água esverdeada
Nasce a Lua prateada
Clareando à beira-mar

Cai a tarde, morre o dia...

COMÍCIO DE BECO ESTREITO

Jessier Quirino

Eis-nos diante de um quadro típico de período eleitoral, há poucas décadas. Até hoje, sobretudo em vilas, povoados e recanto interioranos, pode-se deparar com algo semelhante.

Com a evolução de novas tecnologias, somadas a exigências legais de alterações eticamente superficiais, tal estrutura tem sido substituída por outros mecanismos mais “atualizados”, a exemplo dos “showmícios”.

A descrição dos passos a serem dados para a organização de um comício é notável, inclusive ou sobretudo graças ao recurso convincente a detalhes impressionantes.

Graças a esse tipo de ardil, é que famílias e grupos vêm se mantendo nos espaços governamentais e legislativos, por via do processo eleitoral, claramente viciado em suas estruturas.

Dada a atuação incômoda de certos veículos da imprensa (por conta da acirrada disputa de espaço por parte de figuras e grupos hegemônicos em disputa de poder), cresce o número de denúncias de escândalos tornados públicos. Não é que antes, tais práticas não existissem. Trata-se de que hoje cresce, a olhos vistos, o cerco das forças

A ladeira pra frente se declina
 E a calçada vai reta, nivelada
 Forma palmos de altura a calçada
 Que em dias de feira, o bodegueiro
 Faz comércio rasteiro e barateiro
 No assoalho um tanto amarelado

Se espalha uma colcha de mangaio
 É cabresto, é cangalha, é peixeira
 Urupemba, pilão, desnatadeira
 Candeeiro, cabaça, armador
 Enxadeco, fueiro e amolador
 Alpercata, chicote e landuá
 Arataca, bisaco, alguidá
 Pé-de-cabra, chocalho e dobradiça
 Se olhar de uma vez, dá uma doidiça
 Que é capaz do maturo se endoidar

Diferentemente da letra da canção anterior, as estrofes acima apresentam uma métrica e uma rima mais facilmente perceptíveis. Quanto à métrica, são estrofes compostas de dez versos, cada verso com dez sílabas, acentuadas na terceira, na sexta e na décima.

Com relação à rima, as estrofes vêm organizadas, de modo a obedecerem ao padrão ABBCCDDEED.

Às seis horas toca o sino
 Numa prece comovente
 Na cova azul do poente
 Depois do Sol se enterrar
 Faz o crepúsculo ficar
 Com a cor ensanguentada
 Nasce a Lua prateada
 Clareando à beira-mar

Cai a tarde, morre o dia...

Quando é de tardezinha
 O vento rasga a procela
 A jangada estende a vela
 Pro pescador regressar
 Pra noite se aproximar
 Morre a tarde ensolarada
 Nasce a Lua prateada
 Clareando à beira-mar

Cai a tarde, morre o dia...

É contagiante o sopro
 Que o vento praiano traz
 Cochichando aos coqueirais
 Num leve balbuciar
 Deixando todo lugar
 A praia aromatizada
 Nasce a Lua prateada
 Clareando à beira-mar

Cai a tarde, morre o dia...

O jangadeiro passeia
 Por entre velas e mastro

É guiado pelos astros
 Para ir ou pra voltar
 Só tem três pra confiar:
 Ele, Deus e a jangada
 Nasce a Lua prateada
 Clareando à beira-mar

Cai tarde, morre o dia...

Quando o mar está revolto
 Estremece, não estanca
 Um cordão de espuma branca
 Fica na onda a bailar
 Faz desenho e faz colar
 Na areia cristalizada
 Nasce a Lua prateada
 Clareando à beira-mar

Cai a tarde, morre o dia...

As jangadas cambaleiam
 Sobre as ondas violentas
 As gaivotas pardacentas
 São acrobatas no ar
 Nuvens trocam de lugar
 Deixam a noite enfeitada
 Nasce a Lua prateada
 Clareando à beira-mar

Cai a tarde, morre o dia...

Na solidão oceânica
 Jangadeiro solitário
 De noite tem por cenário
 Estrelas, céu e luar

XXXIV

PARAFUSO DE CABO DE SERROTE

Jessier Quirino

Nas estrofes que seguem, da lavra do mesmo Jessier Quirino, em tom de narrativa, há uma poética descrição de uma das paisagens mais típicas do nosso interior sertanejo: a estrutura e o funcionamento da “bodega”, estabelecimento comercial tão comum por esse Brasil adentro.

Como se estivesse simplesmente a pincelar o retrato falado de uma pequena mercearia interiorana, Jessier Quirino vai arrumando inteligentemente as palavras bem alinhadas, com métrica e com rima.

Pinta, com espantosa precisão, o quadro geral de uma “bodega”, desde sua localização precária (rua enlameada), passando pela forma de sua calçada, de suas portas, da arrumação das prateleiras, até descrever extensivamente seus equipamentos e produtos de venda, inclusive os mais estranhos (urupemba, pilão, desnatadeira, candeeiro, cabaça, armador, enxadeco, fueiro, amolador, arataca, landuá, alguidá...).

O Autor nos arrasta romanticamente a um cenário de um passado ainda recente, ainda que, aqui, ali, sinais desse quadro possam estar ao alcance da vista, por esses rincões do nosso tão variado interior nordestino.

Tem uma placa de Fanta encardida
 A bodega da rua enlameada
 Meia dúzia de portas arqueadas
 Uma grande ingazeira na esquina

A claridade
 Amarelada do amanhecer
 É ver nascer
 O aguaceiro pelo rio abaixo
 É ver um cacho de banana
 Amadurecer
 Anoitecer vendo branco da Lua
 A pele nua
 Quando a Lua a resplandecer
 É ver nascer
 O desejo com invernia
 E a harmonia
 Que o inverno faz nascer.

**É um nó dado por São Pedro
 E arrojado por São Cosme e Damião
 É tentação!
 É uma paixão, é um repente
 Igual ao quente do miolo do vulcão**

Do ponto de vista da forma, a letra da canção se apresenta um tanto atípica, não apenas por conta da criatividade nela impressa por seu autor, como também pela melodia da composição. A metrificação e a rima se fazem de modo um tanto singular, não só no estribilho, como nas estrofes que a compõem. Há, sim, métrica e rima. Apenas não obedecem a padrões tão convencionais.

Uma leitura possível da metrificação impressa, por exemplo, no estribilho, é que se trata de sete versos, sendo quatro compostos por sete sílabas, que se alternam com três versos tetrassilábicos, com rima seguindo a estrutura ABCCDDC.

Com relação às estrofes da canção, parece ainda mais difícil distinguir, de modo preciso, o caráter de sua forma.

O corpo a se balançar
 Nos sopapos da jangada
 Nasce a Lua prateada
 Clareando à beira-mar

Cai a tarde, morre o dia...

No que tange aos aspectos da forma, as estrofes se apresentam, como vemos, sob o estilo de canção, inclusive com seu deslumbrante estribilho – uma quadra setessilábica, com rima no estilo ABBC. As demais estrofes são de oito versos, cada qual com sete sílabas. Versos rimados ao modo ABCCDDC.

**Por São Cosme e Damião
É tentação!
É uma paixão, é um repente
Igual ao quente
Do miolo do vulcão**

Quer ver desejo?
É o desejo tando desejando
A Lua olhando esse amor
Na brecha do telhado
É o rodeando do peru
Peruando a perua
A canarinha amarelinha
Cantando o canário
Zé do Rosário
Bolerando com Dona Isabel
Dona Isabel boleando com Zé do Rosário
Imaginário de paixão voraz e proibida
Escapulida, pioibida pro imaginário

**É um nó dado por São Pedro
E arrochado
Por São Cosme e Damião
É tentação!
É uma paixão, é um repente
Igual ao quente
Do miolo do vulcão**

Quer ver cenário?
É o vermelho da auroridade

E namorando com a cabocla do recado

**É um nó dado por São Pedro
E arrochado**

pode observar já desde as primeiras estrofes da bela canção por ele também executada.

No caso do refrão, ele lida genialmente com a metáfora do “nó”, utilizada para acentuar a complexidade das situações suscitadas pelo sentimento da paixão: avalia o “nó” da paixão “ao quente do miolo do vulcão”:

Imagens que continuam ricamente derramadas nas demais estrofes, tais como: “levar sereno num terreiro bem enluarado”, “o pinicado do chuvisco”, “o vermelho da auroridade”, “a harmonia que o inverno faz nascer”...

Saboreemos, então, essas imagens em seu contexto:

**“É um nó dado por São Pedro
E arrojado
Por São Cosme e Damião
É tentação!
É uma paixão, é um repente
Igual ao quente
Do miolo do vulcão”**

Quer ver o bom?
É o aguado quando leva açúcar
É a cuca açucarada num beijo roubado

É o pecado confessado com um padre sereno
Levar sereno num terreiro
Bem enluarado
É o pinicado do chuvisco
No chão pinicando
Ficar bestando
Com um inverno bem arrelampado
É o pecado da caboca
Num beijo mandado

CANTADOR PRA CANTAR NA MINHA FRENTE DEUS NÃO FAZ, NUNCA FEZ, NEM VAI FAZER

Josival Viana e Daniel Olímpio

Voltam à cena estrofes do gênero “Peleja” ou “Duelo” ou “Desafio”. Estilo tão atrativo para o grande público: diverte, empolga torcidas... Há, porém, como em todo duelo, seu código próprio. Nem tudo pode. Quanto maior é o talento dos Repentistas em disputa, maior o respeito mútuo, o que evita ofensas pessoais recíprocas, aumentando, por outro lado, a responsabilidade de ambos por compensar as expectativas de imagens ofensivas com outras de caráter imaginativo. À medida que o embate vai se desenrolando, cada qual cuida em superar o adversário, recorrendo à imaginação, à criatividade, sem apelações.

Nesse sentido, é de grande relevância o tomo passado pelo mote, razão pela qual se espera das comissões organizadoras de festivais e cantorias um cuidado redobrado com o caráter do mote proposto à dupla, porquanto, como se sabe, “Quem dá o mote, puxa a palavra.”

Na peleja em tela, tanto o caráter do mote como a experiência e o nível dos Repentistas se revelam à altura de um desafio de boa qualidade.

Na primeira estrofe em destaque, a estratégia do Repentista recorre à imagem de combatividade inspirada no reino das feras. Com um inteligente jogo de palavras, ele vai construindo a sua provocação, dando a primeira cutucada no adversário, por meio de frases de efeito do

tipo: “Corto mais que a unha de pantera” ou “Eu não sou cascavel, mas sei morder”.

O parceiro, por sua vez, responde à altura, mas enveredando por outro tipo de estratégia: inventando situação vantajosa para si, aludindo à sua fama de “batedor”: “Uma vez eu bati num poetaço / Que rodou duas horas num só canto”, trazendo como desfecho da estrofe: “Mas, aí, não deu mais pra conhecer / Se esse troço era bicho ou era gente”.

(...)

Pesquisando, cheguei à conclusão
 Meu estilo de luta é de uma fera
 Corto mais que a unha de pantera
 Minha força supera à do leão
 Contra a vítima que cai em minha mão
 Eu não sou cascavel, mas sei morder
 Mike Tyson eu não sou, mas sei bater
 Se você tiver dúvida, me enfrente
Cantador pra cantar em minha frente
Deus não faz, nunca fez, nem vai fazer

Uma vez eu bati num poetaço
 Que rodou duas horas num só canto
 Fez careta – um terror! – e subiu tanto
 Escondeu-se do peso do meu braço
 Doze anos voou pelo espaço
 E depois resolveu aparecer
 Mas, aí, não deu mais pra conhecer
 Se esse troço era bicho ou era gente
Cantador pra cantar na minha frente
Deus não faz, nunca fez, nem vai fazer

XXXIII

É UM NÓ DADO POR SÃO PEDRO

Jessier Quirino

Poucas pessoas expressam com a densidade e o talento poético de Jessier Quirino a alma do sertanejo - seus valores, suas crenças e convicções, seu linguajar, seus sentimentos...

São simplesmente geniais as formas que ele encontra para dar vida às ricas expressões do dia a dia do povo nordestino, em especial das pessoas que vivem na e da roça.

Trata-se de alguém reconhecidamente dotado do dom das mais genuínas expressões a cultura popular.

Um traço curioso incide singularmente na figura de Jessier Quintino: o fato de não ser conhecido como um Repentista em nada arranha o brilhantismo de que é possuidor. Jessier é um poeta maior, de múltiplos e excelentes recursos artístico-literários.

Outra dimensão que encarna de modo tão luminoso, é o de pesquisador da vida do povo simples. Condição, aliás. Sem a qual dificilmente teria como assegurar o mesmo desempenho de excelência no que produz.

As estrofes que seguem, constituem um pequeno mostruário da capacidade poética de Jessier Quirino, que orgulha nossa condição de nordestinos, de brasileiros, de latino-americanos, de seres humanos.

Traço marcante nos grandes poetas e nas grandes poetisas, o recorrente recurso a imagens esplendorosas é marcante no exercício poético de Jessier, como se

Fala água que enche uma lagoa
 Diz besteira que lota um caminhão
 Cantador da cabeça de melão
 Não tolero, não zelo nem respeito
Se eu perder pra um matuto do seu jeito
Vou deixar de viver da profissão

(...)

Você perde cantando em toda prova
 De sextilha a martelo agalopado
 Se eu disser que você foi aprovado
 Todo o público presente desaprova
 Eu respeito Geraldo e Vila Nova
 Severino, Valdir e Sebastião
 Oliveira, Daudeth, Pedro e João
 Mas você não merece o meu respeito
Se eu perder pra um matuto do seu jeito
Vou deixar de viver da profissão

As estrofes seguem o estilo de décimas, cada verso apresentando dez sílabas, acentuadas na primeira, na terceira e na sexta sílabas. Quanto à rima, segue o padrão ABBCDDEED.

No desafio em apreço, as estrofes se apresentam no formato já conhecido das décimas de dez sílabas, com acentos incidindo na terceira, na sexta e na décima sílabas de cada verso. A estrutura da rima é a clássica “ABBAACDDC”.

XXXII

**SE EU PERDER DUM MATUTO DO SEU JEITO
VOU DEIXAR DE VIVER DA PROF'ISSÃO**

Apresentação de Paulo Nascimento e Chico Alves

Eis-nos diante de outro caso de desafio entre os parceiros Repentistas. Por força do caráter do mote, que se desenha com tom abertamente provocativo, os Cantadores são levados a ser mais diretos na elaboração de estrofes mais contundentes. A tendência é a amenização do tom, desde a formulação do mote à elaboração da glosa por parte dos contendores.

Este caso, porém, parece distanciar-se dessa tendência.

Na primeira estrofe selecionada, o Repentista investe, com todo o gás, na provocação direta ao parceiro, buscando desqualificá-lo como pessoa “Totalmente de mérito desprovida”, tratando, em seguida, de “justificar” sua tese, apelando para sua falta de instrução escolar. Importa assinalar que o parceiro não acompanha a mesma linha de raciocínio empregada na estrofe anterior: prefere colocar seu parceiro acusador contra o público, buscando distanciar-lo dos colegas exemplares de profissão.

(...)

Considero você uma pessoa
Totalmente de méritos desprovida
Nunca foi à escola, em sua vida
Não possui a cabeça muto boa

O socó pesca
 Sabiá come pimenta
 A coruja é agourenta
 Seu canto é de arrepiar
 O papagaio
 Tem a pena esverdeada
 Tem a língua enrolada
 Mas lhe permite falar

Voa, sabiá...

A canção estrutura-se formalmente num estribilho de três versos, sendo o primeiro de apenas cinco sílabas, enquanto os dois últimos com sete sílabas. As estrofes se acham organizadas em oito versos, sendo o primeiro e o quinto compostos de quatro sílabas, enquanto os demais, setessilábicos.

Do ponto de vista de sua rima, obedecem ao formato ABBCDEEF.

XXXI

VOA SABIÁ (Canção)

Não consta da fonte, da qual foram retiradas as estrofes, a autoria da canção, que, já pelo título, traz um alerta quanto a um hábito ainda muito estendido pelas nossas regiões, de se criar pássaros engaiolados.

Ao percorrer distintos lugares pelos sertões, constatamos, com espantosa frequência, o hábito de numerosas famílias rurais (e também urbanas, ainda que em menor escala), de criarem pássaros, com o propósito de terem consigo uma sinfonia permanente bem ao seu alcance. Muitos o fazem por inocência. Outros já nem tanto: tem havido campanhas de se alertar a população em relação a essa prática.

Mesmo em meios religiosos, de cujos moradores se espera uma sensibilidade mais refinada em relação ao tratamento respeitoso aos animais, registram-se casos de viveiros de pássaros em gaiolas...

Contra isso é que investe o Autor da canção, apelando, porém, à sensibilidade da vítima, esta sim, completamente inocente, e completamente vulnerável à sanha dos Humanos... Por que será que o Autor da canção começa por apelar diretamente à vítima? Até que ponto sua atitude não carrega traços de decepção e de descrença em relação aos Humanos, razão por que prefere apelar diretamente aos passarinhos? Como não sentir a beleza do canto dos pássaros, esses “maestros da floresta”?

Em seguida, porém, dirige sua denúncia (diretamente aos “assassinos de passarinhos”) e seu apelo também aos demais seres humanos: “Eu peço aos donos / De viveiros e gaiolas / Abram as suas portinholas / Para os pássaros libertar”.

Voa, sabiá
Do galho da laranjeira
Vem zoando pelo ar (Bis)

Os passarinhos
 São maestros da floresta
 Que cantam fazendo festa
 Pra a Natureza acordar
 Mas eu aviso
 Pro passarinho inocente
 Por aí tem muita gente
 Querendo lhe assassinar

Voa, sabiá...

As nossas aves
 Ao invés de protegidas
 Estão sendo perseguidas
 Por quem gosta de matar
 As que estão presas
 Nas gaiolas da maldade
 Sonham com a liberdade
 E com o direito de cantar

Voa, sabiá...

O sertanejo
 Sempre acorda muito cedo
 Para ouvir o passaredo
 Na hora de gorjear
 Esse trinar
 Traduz um som tão bonito
 Que deixa o rico, o erudito
 Transformado em popular

Voa, sabiá...

Eu peço aos donos
 De viveiros e gaiolas
 Abram as suas portinholas
 Para os pássaros libertar
 Vamos cobrar
 O empenho do Ibama
 Que a floresta não reclama
 Porque não sabe falar

Voa, sabiá

Vamos dar fim
 A tudo que é baladeira
 Espingarda socadeira
 Pois tem que se aposentar
 Da arapuca
 O badoque, o alçapão
 Pedimos a extinção
 E ai de quem discordar

Voa, sabiá

Tem o vem-vem
 Nos arvoredos sombrios
 Que solta seus assobios
 Quando alguém está pra chegar
 O João-de-barro
 É o maior arquiteto
 O carão é analfabeto
 Mas sabe profetizar

Voa, sabiá

Alder Júlio Ferreira Calado é sociólogo e educador popular, junto aos movimentos sociais e a outras organizações de base da sociedade, especialmente no Nordeste, desde meados dos anos 60. Acompanha o processo formativo de jovens do meio popular, na perspectiva da Teologia da Enxada, em Serra Redonda. É membro do Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas.

CONTRACAPA

No embalo do crescente despertar do interesse pela Literatura Sertaneja e pelo Repente, este livro reúne estrofes de rara beleza, selecionadas e comentadas, do ponto de vista do conteúdo e da forma.